



Aldisio Filgueiras

Romanceiro de Parintins

CULTURA



Edições
Governo do Estado



Romanceiro de Parintins





GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

JOSÉ MELO
Governador do Amazonas

ROBÉRIO BRAGA
Secretário de Estado de Cultura

ELIZABETH CANTANHEDE
MIMOSA PAIVA
Secretárias Executivas

ANTÔNIO AUSIER RAMOS
Diretor do Departamento de Literatura

KARLA COLARES
JAIR JACQMONT
Assessores de Marketing

**Secretaria de
Estado de Cultura**

Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 – Manaus-AM-Brasil
Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1367
Fax.: (92) 3233-9973
E-mail: cultura@culturamazonas.am.gov.br
culturamazonas.am.gov.br

Aldisio Filgueiras

Romanceiro de Parintins

CULTURA



Edições
Governo do Estado



© Aldisio Filgueiras, 2012

EDITOR RESPONSÁVEL **Antônio Ausier Ramos**

COORDENAÇÃO EDITORIAL **Jeordane Oliveira de Andrade**

CAPA **Ângelo Lopes**

PROJETO GRÁFICO **André Martins**

REVISÃO **Sergio Luiz Pereira**

NORMALIZAÇÃO **Ediana Palma**

PROJETO EDITORIAL - VERSÃO ELETRÔNICA **Luiz Felipe | Karla Colares**

F481r Filgueiras, Aldisio.

Romanceiro de Parintins / Aldisio Filgueiras. – Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2012.

94p. ; 15x21cm.

ISBN 978-85-64218-19-2

1. Literatura popular – Amazonas. 2. Estudo – Poema. I. Título.

CDD 869.1

CDU 087.6(811.3)

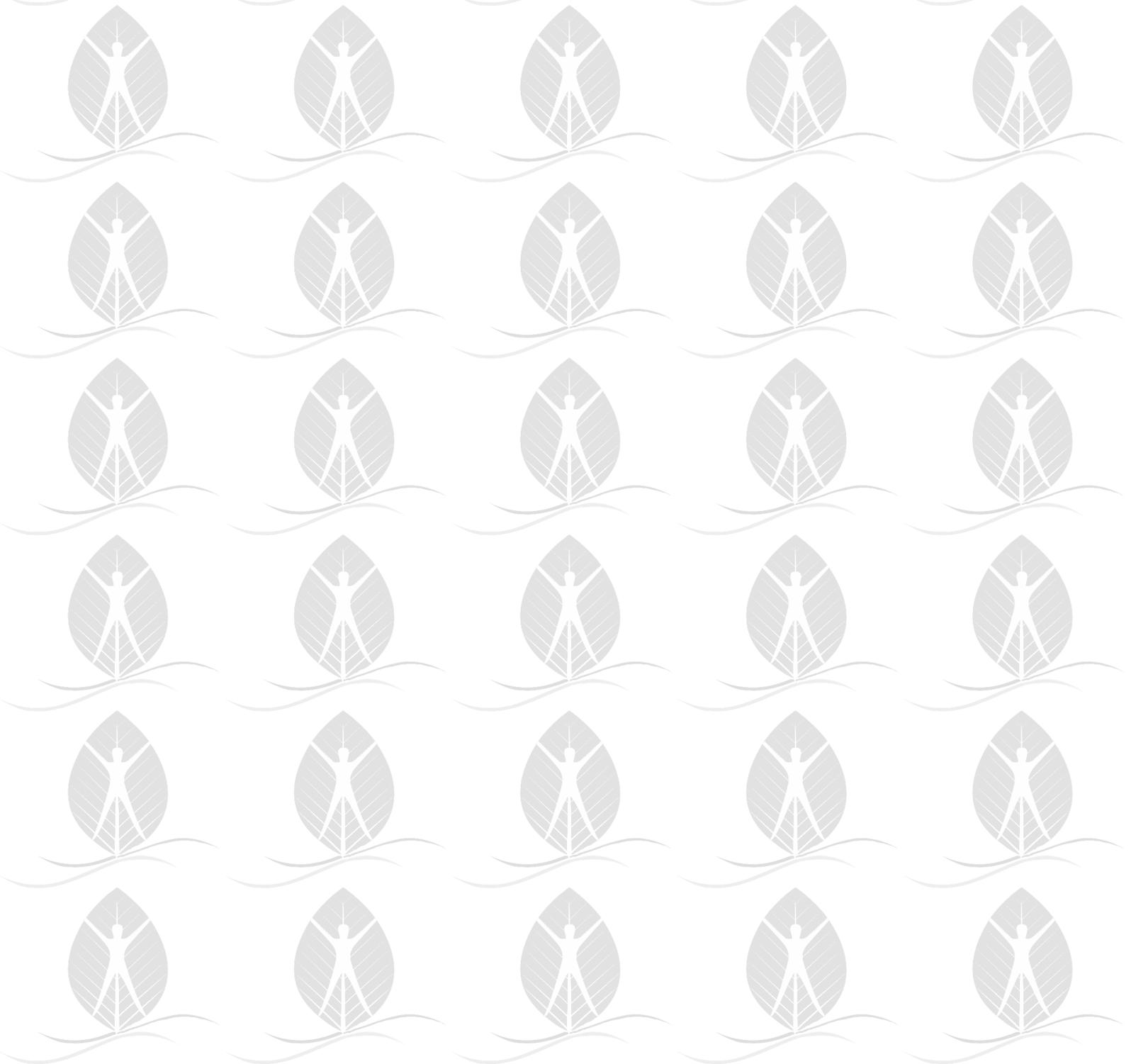


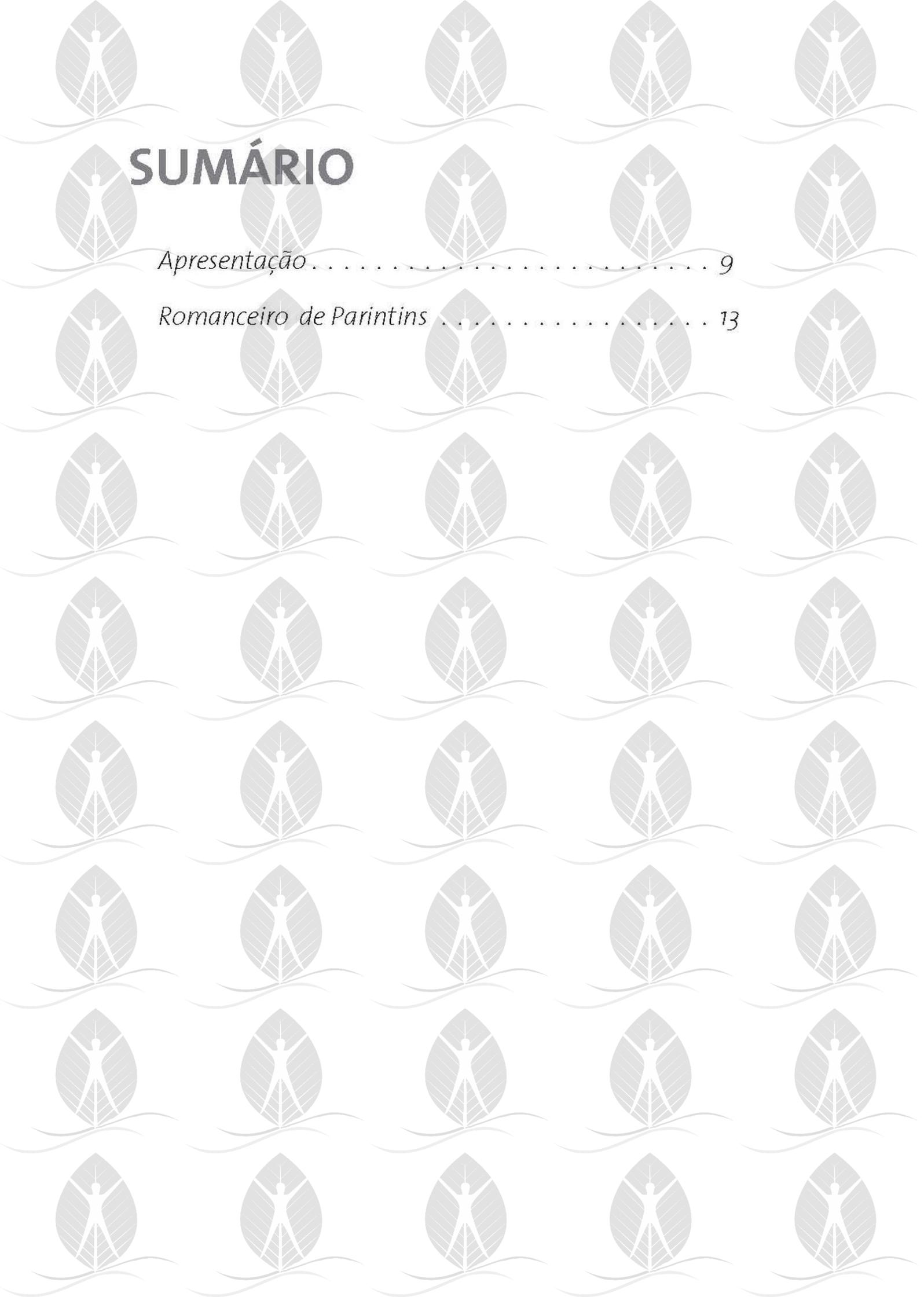
"A contação de histórias é das mais antigas tradições que se tem notícia entre os povos. Ela serve para repassar conhecimento, trocar experiências e perpetuar culturas. Antes mesmo do homem desenvolver a escrita, a oralidade já servia para ilustrar o dia-a-dia, recordar o passado e dar asas à imaginação. Os livros, portanto, são a concretização dessa tradicional arte de disseminar o saber. Daí a importância da leitura para o povo. Porque só o conhecimento liberta, nos faz crescer e nos faz acreditar em um mundo melhor."

José Melo
Governador do Amazonas

NOTA EXPLICATIVA SOBRE ESTE LIVRO ELETRÔNICO

Os direitos sobre todos os textos contidos neste livro eletrônico são reservados ao(à) seu(sua) autor(a) e estão protegidos pelas leis do direito autoral. Esta é uma edição eletrônica, não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. Em caso de uso acadêmico deste e-book, todos os créditos e referências devem ser dados ao(à) autor(a) e a Edições Governo do Estado.





SUMÁRIO

Apresentação 9

Romanceiro de Parintins 13

APRESENTAÇÃO

Aldisio Filgueiras não é marinheiro de primeira viagem, como ouvi sempre dizer, notadamente na palavra bem composta com que meu pai, Lourenço da Silva Braga, falava sobre os novos que pretendiam alcançar espaço e abrir caminhos, quando se reportava a alguém que tinha já alguns sucessos na vida.

Antigo companheiro de política estudantil, o havia perdido de vista quando resolvi seguir a carreira jurídica e me aventurei a um vestibular dos mais exigentes do meu tempo, em 1969. Mas foi dos mais próximos, dos que caminhavam firmes, sabiam o que queriam, como alcançar a realização do ideal de servir na construção de uma sociedade mais justa, mas, sobretudo, daqueles que valorizavam a busca do conhecimento como fonte primeira da sua própria formação.

Jornalista, poeta, letrista, contista, professor das artes cênicas, com grande mérito pode ser considerado um intelectual, daqueles que fazem da vida na simplicidade de ser, a expressão de uma filosofia de viver.

Logo de início, quando da criação da Secretaria de Estado da Cultura em 1997, encontrei depositado de algum tempo nas oficinas gráficas, da Imprensa Oficial do Estado, um dos seus livros – *A Celebração do Verão* – à espera de poucos recursos financeiros para sua finalização e lançamento. Não fiz pouco caso. Publiquei-o, pela obra e pelo autor. E dali por diante foram inúmeras as oportunidades que pude contar com sua colaboração estreita, com as suas críticas sinceras e justas, com suas aulas de teatro, tudo na busca de construir e solidificar um caminho para que as ações culturais não fossem, mais uma vez, cíclicas, temporárias, mas criassem raízes e permanecessem, governo após governo, como uma imposição dos novos tempos e da sociedade como um todo. E estamos conseguindo.

Com este estudo-poema, *Romanceiro de Parintins*, Aldisio canta e decanta o tema central da vida daquela gente, que, sinceramente, acredita mesmo em Nossa Senhora do Carmo, faz

frente ao boi Caprichoso e ao boi Garantido, encomenda santos e mantos no tempo do Festival, e não perde a pose nas histórias que conta em farra de carnaval e pescarias. E ele pegou o veio do encanto da brincadeira, da angústia e da alegria do povo, da mesma maneira como fez com *Santo Antônio de Borba que o diga*, poema que foi musicado e levado à cena pela Orquestra de Violões do Amazonas que tive o privilégio de organizar mediante concurso público, para abrir um campo novo de trabalho nas artes, mas que, antes de tudo, fiz realizar um sonho antigo de muita gente, especialmente do Adelson Santos.

Trata-se de um poeta festejado, que fez do *Porto de Lenha* um hino de paixão pela cidade, ao lado de seu parceiro nesta obra magnífica, o conhecido Torrinho, mas, sobretudo, o fez sendo uma figura humana singular, simples, devotado a viver, sem preconceitos e preconceitos, aberto, franco, cheio de defeitos como todos nós, mas capaz de ouvir, falar, chorar, cantar, ser cáustico, ser verdadeiro, dizer, e não perder a certeza de que é possível construir um amanhã ainda melhor.

De sua autoria estão por aí, caminhando e cantando entre mãos e sonhos de muitos que podem ler, os seus livros *Manaus as Muitas Cidades*, de 1994, quando era preciso que o autor fizesse, ele mesmo, a edição de seus trabalhos, o que representa uma reclamação autorizada do que se dava com a cidade tão maltratada; *Malária e outras Canções Malignas*, que primeiro veio em 1976 e depois pela Editora da Universidade Federal do Amazonas, em 1996, quando ainda só aquela editora conseguia lançar alguns trabalhos, em um esforço incomum, e de forma solitária; *A República Muda*, de 1989; *A Dança dos Fantasmas*, pela Editora Valer em 2001, quando tudo já começava a florescer e o Estado passara a cumprir o seu dever e a tudo fazer com o ideal de servir e o entusiasmo de realizar.

Poetinha – na intimidade dos que o reconhecem grande poeta – vai agora chegando à Academia Amazonense de Letras por méritos e caminhos que ele mesmo construiu, sem padrinhos, senão amparado em seus versos e suas crônicas, e firmou-se entre os grandes escritores de nosso tempo, em que feras e feras esgrimam na busca de espaço de sobrevivência. E segue

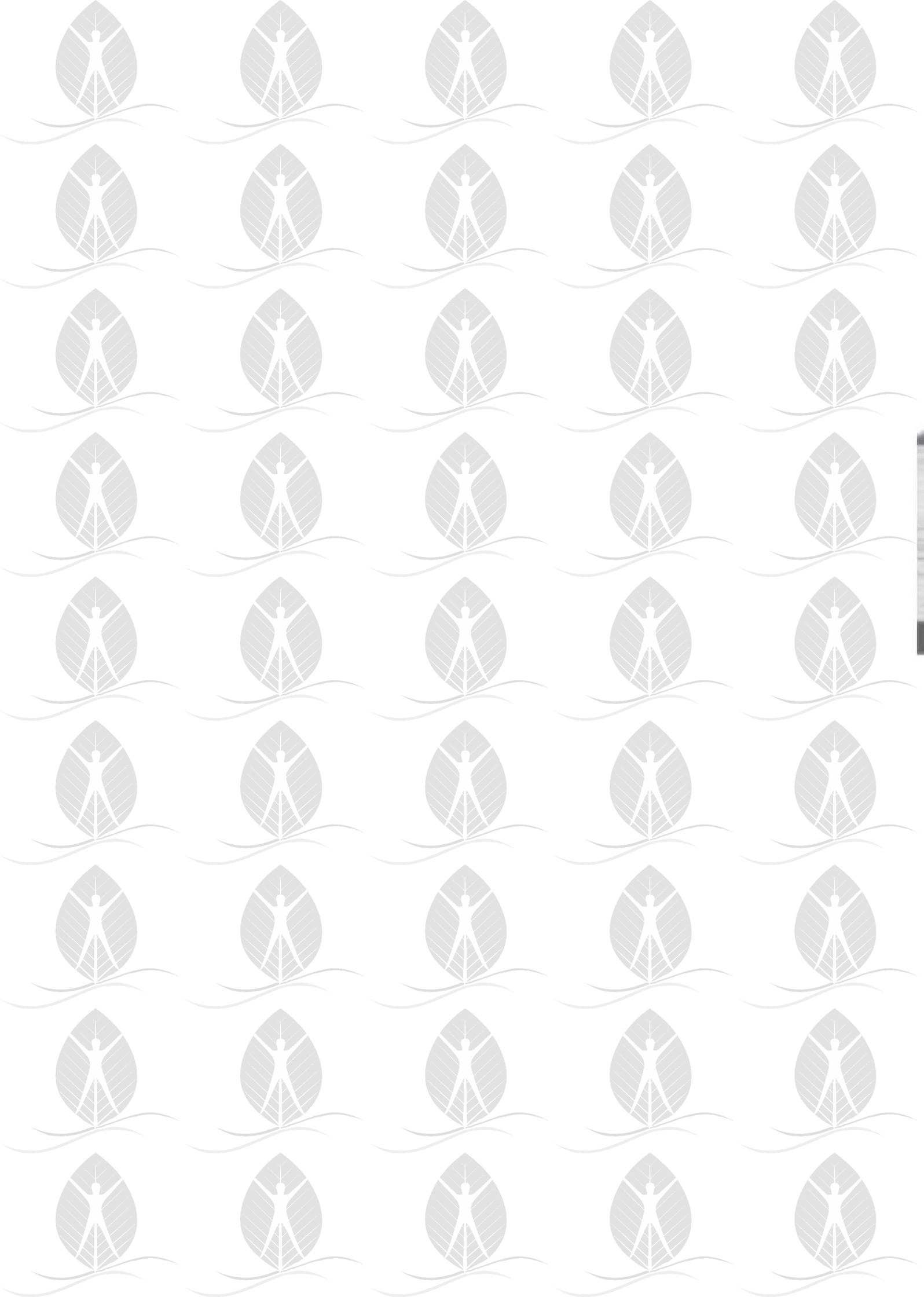


fazendo sua história. E nós que o admiramos, vamos aplaudindo e reconhecendo como ele pode ser sempre assim... “poeta, poetinha, camarada...”, em versos que parece foram feitos para ele.

Robério Braga

Secretario de Estado de Cultura

*Domingo de Sol, antes de ir para o Largo de São
Sebastião brincar de ser criança outra vez.*





Romanceiro de Parintins



Cara, quando vi eu 'tava,
só não sei de que maneira,
num banzeiro de toadas.
Me vi sem eira nem beira,
de lesó entrei na jogada,

no jogo entrei de enxerido.
Nem me pergunte por isso
pois eu não sou adivinho.
Viver tem desse estrupício,
não se faça de atrevido,

não me cobre sacrifício.
Toda pergunta enseja
a resposta que almeja, no
ato que interroga,
para entregar de bandeja

a solução do problema.
Pode ser que não me venha
agora essa resposta
que mais exige feitiço
do que clareza de lógica,

no caldo dessa alquimia.
Quem sabe muito do errado
nem sempre o que é certo sabe.
É quando menos se espera,
diz a sã filosofia,

que a gente saca o estribilho.
Lição, a gente aprende
de graça todos os dias
como se andasse num trilho.
São ossos feitos do ofício



assim doutrina a razão.
Vou contar osso por osso,
o caso visto e vivido.
Testemunha, vou cortá-lo,
enxuto, sem exagero,

que não lhe falte pedaço.
Quando vi chegou a hora
da jiripoca que pia,
do vento fazer a curva,
da hora chegou o dia

que o diabo perde a bota.
O verbo faz o relato,
ponto por ponto da história,
contando de um só jato
o drama desse teatro

que apenas se inicia.
É como afino a memória,
ela costuma ser curta,
enfrenta grave perigo
e até perde o compasso,

perde mais por demasia
quanto mais é necessária
nas seções dos entreatos.
Imagens vindas de longe
às vezes sofrem cansaço

e o foco vaza em desgaste
como se fosse em penumbra,
de claro-escuro brincando.
O mundo gira tão rápido
que basta piscar um olho,



do mundo, perder o conjunto,
pro outro quedar zarolho
e noutro mundo se ache.
Não me cobre eficiência,
não é isso que eu domino,

mas me louve a paciência.
Se a rima não é exata,
não deixa o rabo de fora
na extremidade do verso,
como se pede que seja,

por isso não me condene
à lavoura do inferno.
Procure-a dentro da linha
ou verso como é chamada,
entre os fonemas dispersa.

Não é malária que mata
o cabra dentro da rede,
é pavulagem que seca
mulher, homem e criança,
qualquer um que se converte

a ter um rei nas entranhas
e morre dessa esperança
de abarcar o mundo com as pernas,
com olho grande exigir
o que não pede a barriga,

é gana, é ambição
de pobre ou rico infarento.
Rima na última sílaba
é muito egoísmo junto,
poupança de avarento



que come o pão dormido
no mesmo prato e colher,
pra não dizer que a burrice,
não a licença poética,
não escolhe o de-comer,

água, farinha, pirão,
apanha o que é mais fácil,
à mão, no alcance do braço.
Prefiro a rima discreta,
servida de sobremesa,

aquela que se divide,
generosa se oferece,
a tudo dando o seu pouco,
e quase que se soletra,
feito um sopro no ouvido,

assim, baixinho, sussurro
de moça ainda solteira.
A rima quase silêncio,
no próprio poema inscrita,
cujo poeta sem musa

por isso não se desculpa,
exige o preto no branco
em tudo que põe a letra,
não avaliza credence,
receitas e simpatias,

no atacado ou no varejo,
demite a burocracia,
o fútil disse-me-disse,
das normas da academia.
A palavra explicita



aquilo que é implícito
no que lhe forma a sentença.
Isto lhe basta, e só.
De tanto saltar no escuro,
eu caio de pé e vejo

do outro lado do muro
e posso ver o abismo
primeiro que todo mundo.
Não vale a pena rimar
tristezas de amor e dor,

não vale a pena insistir
nesse palpito infeliz,
nem esforço de agradar
a quem vive a nostalgia
fantasiado de lágrima,

mas nem lembra o paladar
do amor que não sentia.
O mundo dessa maneira,
virado assim do avesso,
confesso que eu não via,

desde o tempo que nasci
com a palmada na bunda,
tão rápido que o mundo gira
nos vários tantos destinos
que o homem faz e refaz,

escrevendo o dia a dia,
criando novos sentidos,
pra vida valer a pena
de ser vida e ser vivida.
Minha avó sempre dizia,



dizia com dedo em riste
fazendo a frase vibrar,
língua estalando na boca:
planta a gente só molha
antes que o sol da manhã

beba da terra o orvalho,
do contrário ela sufoca,
na terra morna cozinha
e a semente não prospera,
não vira raiz nem fruto,

fica sem sombra a estrada.
Se a preguiça é teu guia
espera que o sol se deite
e planta com a terra fria.
Findava o mês de junho,

(não perca o fio da meada)
data de festas santeiras
de muitos santos travessos
e anjos alcoviteiros
que guardam sérios segredos

de alcovas e travesseiros.
Junho, santos e anjos
há muito foram esquecidos
e outros rumos tomaram,
da festa perderam o tino

com a desculpa sem graça
de viver novo milênio,
com vergonha do passado
em que tudo é brinquedo.
Festas, brinquedos e santos



estão agora perdidos
nas passarelas da moda,
que volta a cada dez anos,
para ditar como nova
a velha e mesma estação,

mas não esconde a idade
que a gente conta nas rugas
no mapa do rosto expostas,
nem o peso das figuras
consegue a moda esconder

ora gordas, ora magras,
com plástica e silicone,
no cemitério da idade.
Ruínas de calendário,
folha por folha desfeito

no jardim do esquecimento.
Então, a vida é sem graça
na meia dúzia do ano,
não chove nem sai de cima
como se diz no ditado

que nem me lembra ao certo
se assim deve ser dito.
Nem trepa nem sai da moita
por mais correto, repito,
pois este é o mês de junho

de tantas festas lembrado,
esquecido de outras tantas.
A gente morre de tédio
debaixo dum céu de chumbo,
na verdade, um sol-de-chuva,



que arde em toda a cidade
e queima a pele com raiva.
Pra isso não tem remédio
nem santo que nos ajude,
nos livre do mal e guarde,

pois nem do ozônio a camada
consegue filtrar a brasa
desse mormaço que assa
peixe de escama no meio-dia
da praça que ferve,

cozinha a gente no asfalto,
mesmo sem água e tempero
e faz das casas um forno,
cabeças e pensamentos
fervendo em banho-maria,

pois é assim que se vive
no clima não temperado
da linha do Equador,
que corta em meio o Planeta.
O calor derrete a nuvem

que sequer toca no solo
as suas gotas de chuva.
O bafo quente do asfalto
devolve de imediato
a chuva de novo em nuvem

a nuvem de novo em chuva,
num triste eterno retorno.
Não vai aqui exagero,
malícia e aleivosia,
e nem receio me trava,



não me falta atrevimento
de nunca falar em falso.
Me atrevo a falar assim,
prezando toda a verdade
sem qualquer constrangimento,

no risco da arrogância
que eu sonho longe de mim.
Atrevido eu falo sem
medo de morder a língua,
me arrisco, enfim, me arrisco,

não devo nada a ninguém.
Se devo, quando puder
eu pago, tiro essa conta
do prego do agiota
com juros, taxas, impostos,

antes que vire ferrugem.
E ninguém que se atreva
a vir pisar no meu calo,
não faça por merecer
a fera que acomodo

acuada na garganta,
dentro do peito quieta.
De raspão eu não atiro,
aviso logo de cara.
Telefone quando toca

desperta a casa inteira
e há dias em que o sol
se mostra não muito quente
e a gente pode mirar
o céu e traçar a lápis



a rota exata dos pássaros
que viajam em esquadrilha
em formação de ataque
e defesa. Eles voam
de hemisfério a hemisfério,

pintando cores no espaço,
cores de tons tão bonitos,
pousando no chão dos trópicos.
Nesse estupor de verão,
que de fogo se anuncia,

como se fosse saudita,
as coisas parecem claras
feito a lâmina do aço
que brecha em dois as imagens
de tudo que ela reflita

(o forte verão desnuda
o clarão da paisagem,
mesmo que a cor dominante
insista que é verde o cinza
do inverno que se finda).

São as visagens que as nuvens
conformam num céu de cópia
desse universo de luz
partido em sol e chuva,
como em cristal refletido,

pois se respira na terra
e na água se respira,
com a maior intimidade,
pra isso o povo é anfíbio
e não respeita fronteiras



de água, terra, o que seja.
Daí dizer-se que o mundo
é sua própria miragem,
reflexo puro e tardio
de tudo que é visagem

e não tivesse outra história
do presente e do outrora
como se fosse possível
e a vida se conformasse
repetir-se nesse espelho

que bate e rebate a luz
e deixa a gente tão cego,
a tatear no escuro,
e tanto, que a razão morre
sem vela e sem resposta

que socorra e nos conforte.
Vem a graça do milagre
que a natureza do homem,
a tal natureza humana,
ao tempo e à hora atenta,

contra esse tédio formata.
Essa tal ninguém engana,
ninguém lhe corta o enredo.
Um sonho levanta a crina,
sonho de felicidade,

de tudo quanto é lado.
O povo insurge e invade,
ocupa o romance inteiro,
romance que vê na cidade
de Manaus um formigueiro



de gente que corre e corre,
atrás do quê, não se sabe,
vai ver do-quê não existe.
Em roteiro de alpinistas
sociais foi transformada

a cidade que outrora
– muito tempo que eu saiba –
tinha um santo operário,
São José era o seu nome,
o padrao de Jesus,

que de tudo lhe provia,
bênção do céu não faltava.
Da fundação, no alicerce,
de um forte português,
a cidade reluzia

feito um mimo de salão.
Isso faz já muito tempo
e só ficou a saudade,
farsa de baixa extração
que nem herança deixou

ou um norte como guia.
Ficou a cidade perdida
no sonho do Eldorado,
sem moral, sem compostura,
um folhetim de arrivista

cuja única aventura,
além de enganar o próximo,
de Janeiro a Janeiro,
foi casar, roubar o dote
de famosa cortesã,



uma infeliz criatura,
desde a infância no encalhe.
A fraude desse casório
tem retrato nos jornais.
Contra isso é que eu levanto

minha voz de sindicato.
Eu levo pra casa a cara
quebrada, toda em retalho,
mas não levo desacato.
Atende o povo ao chamado

que vem do rio, da floresta,
assim, sem mais e sem menos,
desencantar a modorra
que ao céu e à terra domina.
Sai o povo em romaria,

em direção à novena.
Grita e grita mais que canta
com voz de turba feroz,
assalta o cais de repente,
cria o império do caos,

com força de multidão.
Ninguém segura essa leva
que a tudo e a todos supera,
por maior e extravagante,
e arrasta de supetão

o que lhe surja diante.
Empurra o povo pra frente
para trás o povo empurra,
não existe quem decida,
não tem cabeça que pense,



quando está em multidão.
“Ah, eu vou pro boi, eu vou,
só não me diga que não”,
é a primeira toada
saída do coro imenso

sem compromisso afinado,
que bate como porrada
nas ilhargas da cidade.
Grita e grita e mais ainda
faz do canto uma oração,

repete, repete o mantra,
ecoa no mundo afora,
sacode até o Tibet.
E o tom desse *batuque*
que me deixa atordoado

tem o som da *minha voz*
de criança que o tempo
malino rouba de nós
sem dó e sem piedade,
surdino nessa trapaça,

moleque no leva-e-traz,
menino-velho traquino.
– Valei-me, Nossa Senhora!,
onde foi que eu me meti? –
assim eu rezo, avexado,

um talo de vara verde
tremendo de frio e medo
naquela hora fatídica.
Não me adianta de nada.
Peço reforço a Jesus



que d'Ele sempre me lembro
com a minha fé atrasada,
sem escolher o horário,
porém é hora oportuna,
não vou perder o proveito

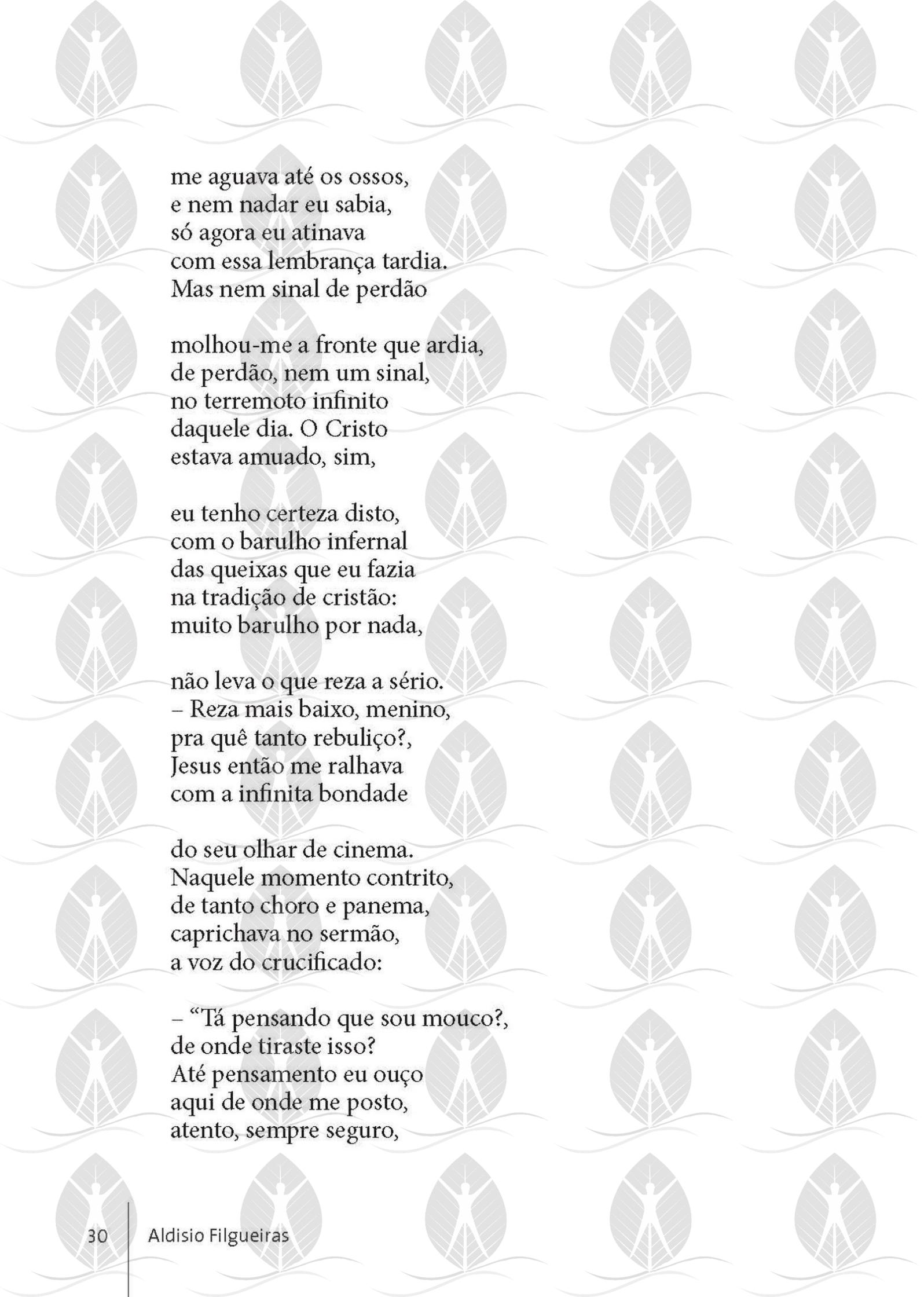
desse momento aprazado.
Agora é que a coisa pega,
digo de mim para mim.
Tomo na mão o rosário,
padre-nosso, ave-maria,

repito vezes sem-fim,
vivendo aquela refrega.
– Jesus, quando vi eu 'tava,
por tudo que é mais sagrado,
não tenho culpa nenhuma!,

era assim que eu rezava
– preciso de um avalista!,
para seguir a viagem –,
promessa então nem se fala.
O terço de contas na mão,

contava os pecados tolos,
com a maior cara de pau,
rezava e acreditava.
O suor vinha da testa,
e as lágrimas dos olhos,

da grande enchente o caudal.
A cueca se molhava,
a meia estava ensopada,
os sapatos inundados.
Tudo em mim virava água,



me aguava até os ossos,
e nem nadar eu sabia,
só agora eu atinava
com essa lembrança tardia.
Mas nem sinal de perdão

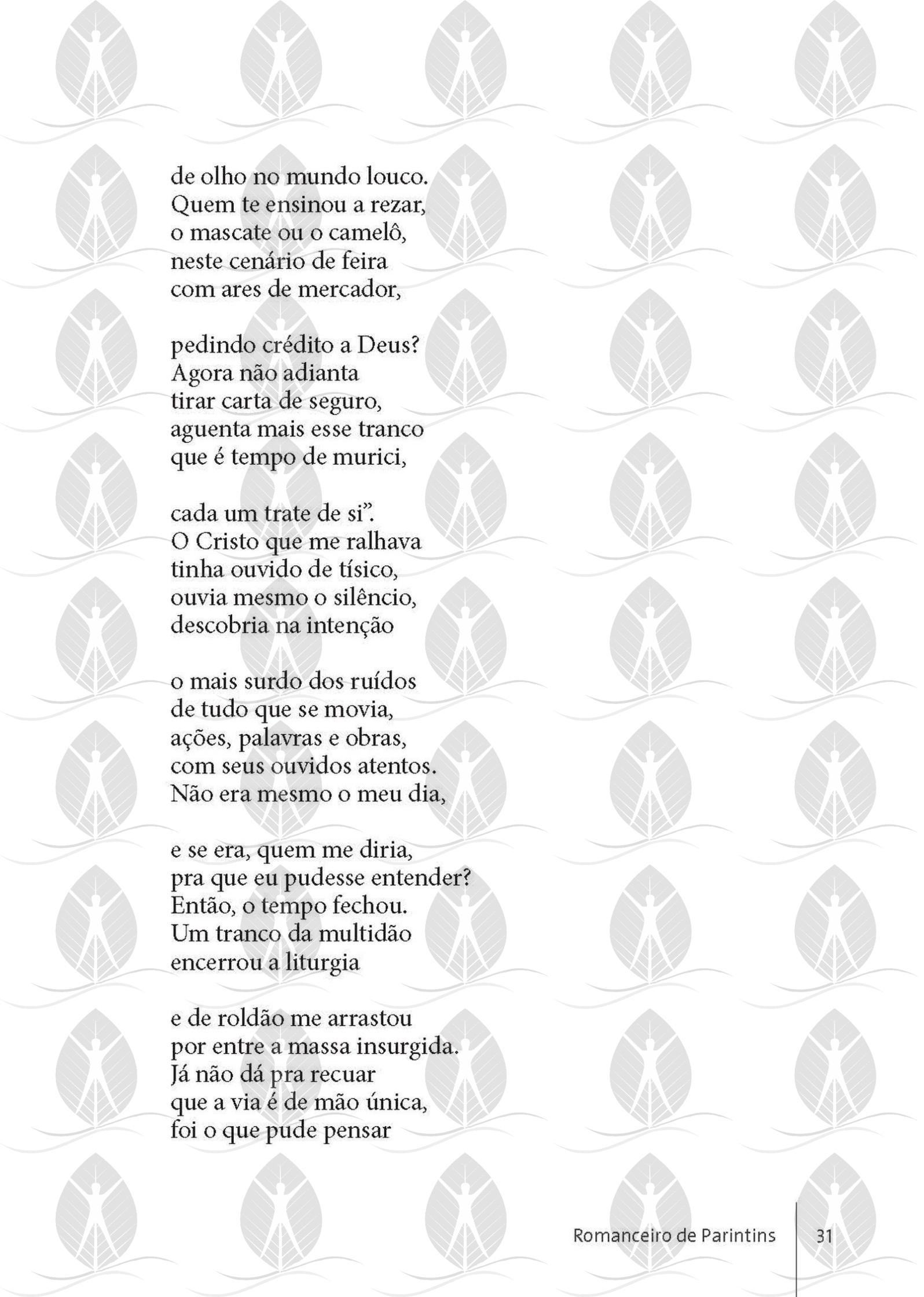
molhou-me a fronte que ardia,
de perdão, nem um sinal,
no terremoto infinito
daquele dia. O Cristo
estava amuado, sim,

eu tenho certeza disto,
com o barulho infernal
das queixas que eu fazia
na tradição de cristão:
muito barulho por nada,

não leva o que reza a sério.
– Reza mais baixo, menino,
pra quê tanto rebuliço?,
Jesus então me ralhava
com a infinita bondade

do seu olhar de cinema.
Naquele momento contrito,
de tanto choro e panema,
caprichava no sermão,
a voz do crucificado:

– “Tá pensando que sou mouco?,
de onde tiraste isso?
Até pensamento eu ouço
aqui de onde me posto,
atento, sempre seguro,



de olho no mundo louco.
Quem te ensinou a rezar,
o mascate ou o camelô,
neste cenário de feira
com ares de mercador,

pedindo crédito a Deus?
Agora não adianta
tirar carta de seguro,
aguenta mais esse tranco
que é tempo de murici,

cada um trate de si”.
O Cristo que me ralhava
tinha ouvido de tísico,
ouvira mesmo o silêncio,
descobria na intenção

o mais surdo dos ruídos
de tudo que se movia,
ações, palavras e obras,
com seus ouvidos atentos.
Não era mesmo o meu dia,

e se era, quem me diria,
pra que eu pudesse entender?
Então, o tempo fechou.
Um tranco da multidão
encerrou a liturgia

e de roldão me arrastou
por entre a massa insurgida.
Já não dá pra recuar
que a via é de mão única,
foi o que pude pensar



como limão espremido
com força por um gigante.
Agora estava bem claro:
o homem escolhe o destino,
escolhe, mas é a esmo,

paga por ele o preço
e nem se lembra do troco.
E parintinando eu vim
pelas sarjetas do rio,
contra o favor da vontade

que a princípio era minha
quando eu saíra de casa,
atendendo ao chamado
irresistível que vinha
do rio e da floresta

(não era minha, a vontade?).
Vim sem pensar duas vezes,
até aqui de cachaça,
na terceira do navio,
um surfista clandestino

nas ondas curtas do rio.
Quase o porto de Manaus
afunda com a multidão
e não me deixa zarpar
– a raça dessa nação

já não viaja sem par.
Quanto mais gente chegava,
jogando no par ou ímpar,
menos navio sobrava
e as redes se estendiam



em todo qualquer vazio,
que por acaso existisse,
num festival de bandeiras
de duas nações em guerra.
Tinha gente que chorava,

araras de cativeiro,
naquele navio-gaiola.
Pedia a Deus por socorro
e ao vizinho implorava
– me ajuda se não eu morro! –

mais uma cerveja morna.
E, morna, chega a cerveja,
ninguém nem sabe de onde,
chega a cerveja ligeira.
De mão em mão vem chegando,

numa corrente de aflitos,
pois esse povo largado
aprende a viver bem cedo
naqueles confins de mundo,
aprende cedo e recorre

a toda mão solidária
(mas a sua, ele recolhe),
sempre que o céu ameace
cair-lhe sobre a cabeça
com o seu rol de castigos

(não pense que Deus não obra
por essas cervejas mornas).
– Deus te dê em dobro, vizinho!,
era assim que respondava,
do fundo do coração,



das profundezas da alma,
pois o povo é agradecido,
mesmo com a vida no fio
enxuto de uma navalha.
Era grande a gritaria

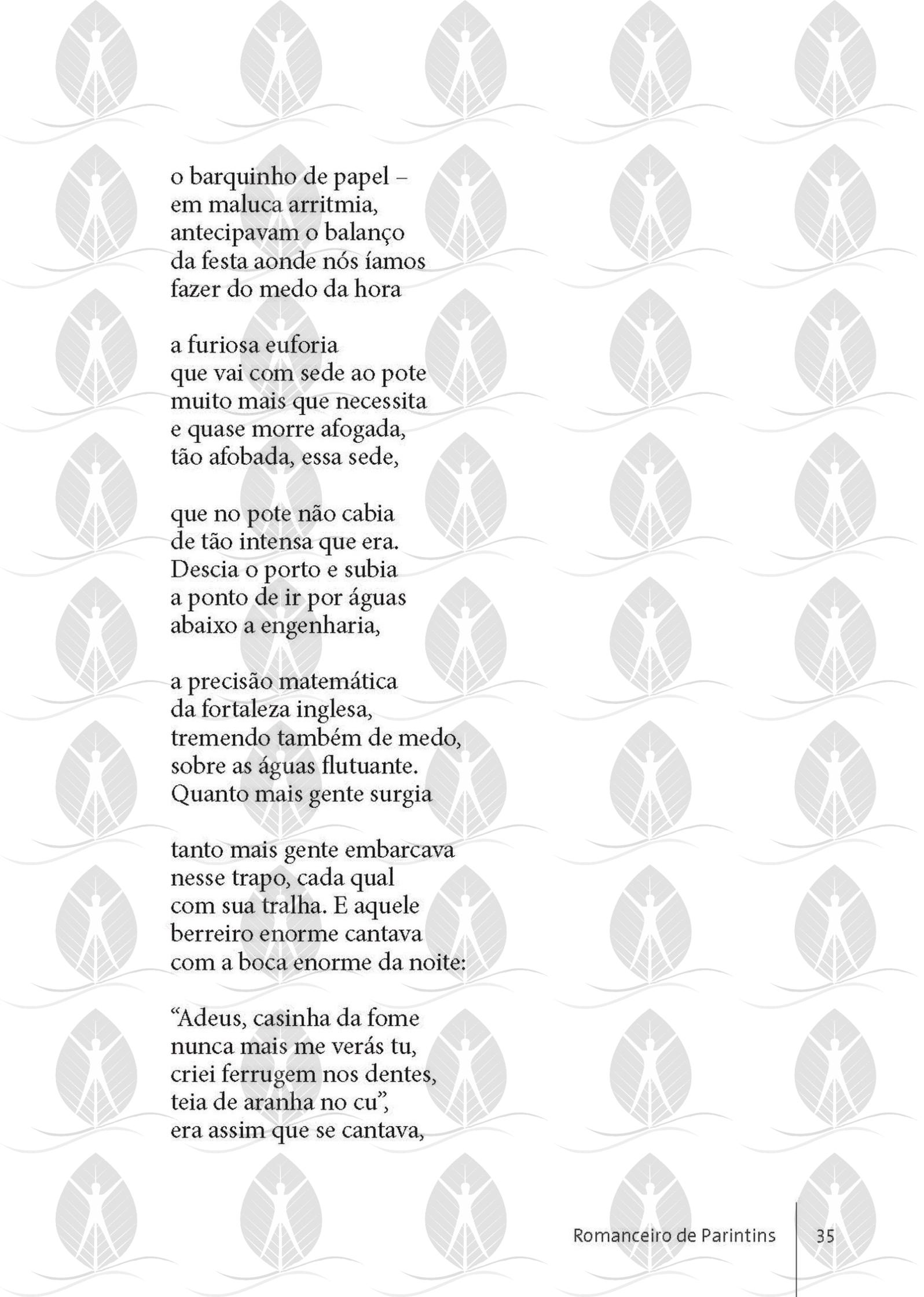
com medo que esse navio
(um simples motor de linha
ou coisa assim que o valha)
de tanto peso afundasse,
sumisse no rio inteiro,

antes que longe surgisse
o porto seguro da Ilha.
Então, quando vi eu 'tava,
quase sem força, é verdade,
em meio àquele furdunço,

arrego quase pedindo,
que nessa Deus não me leve.
Era de um lado vermelho,
muito azul, no outro lado,
e, num gesto de magia,

o navio virou barco
e o barco virou balsa
e a balsa virou canoa.
Aquele espaço encolhia
em simples motor de linha,

não dava mais pra entender
que bicho nos conduzia
pra essa farra no céu.
Canoa, banzeiro e rede,
– jangada bem que seria,



o barquinho de papel –
em maluca arritmia,
antecipavam o balanço
da festa aonde nós íamos
fazer do medo da hora

a furiosa euforia
que vai com sede ao pote
muito mais que necessita
e quase morre afogada,
tão afobada, essa sede,

que no pote não cabia
de tão intensa que era.
Descia o porto e subia
a ponto de ir por águas
abaixo a engenharia,

a precisão matemática
da fortaleza inglesa,
tremendo também de medo,
sobre as águas flutuante.
Quanto mais gente surgia

tanto mais gente embarcava
nesse trapo, cada qual
com sua tralha. E aquele
berreiro enorme cantava
com a boca enorme da noite:

“Adeus, casinha da fome
nunca mais me verás tu,
criei ferrugem nos dentes,
teia de aranha no cu”,
era assim que se cantava,



dizendo adeus a Manaus,
a cidade-dormitório
que vigiava acordada,
em suaves prestações,
a procissão dos romeiros,

como se fosse escritório
insone de advogado,
em sonhos de crediário
e pesadelo de bancos.
Vai a cidade de muda

dizendo adeus às favelas
salpicadas nos barrancos
feito janelas vazias,
distantes e sem acesso,
bonitas, como se fossem

pintadas em branco e preto
e uns retoques de amarelo,
traços riscados a óleo,
apenas olhos, diria,
criados no ateliê

de algum pintor modernista.
Foi preciso ter coragem,
não custa que se admita,
sangue correndo nas veias,
pra sair pronto de casa

largar a tevê na sala,
esse bem tão precioso
que dá de mamar e cria
nossos filhinhos com jeito
e os apronta bem gordinhos



como se fosse pro abate,
calados e bem quietinhos,
doentes de corpo e alma.
A tevê chora que chora
se derramando em novelas,

tem os olhos rasos d'água,
querendo partir também.
Isto começou de manhã.
Lá pela boca da noite
(sei lá que horas eram,

pois me roubaram o relógio),
o porto cuspiu o barco
– navio, canoa ou balsa –
bem para o medo do rio,
não faço nenhum segredo

e nem escondo vergonha
de estar suando frio.

E lá se foi eu, ninguém,
não só ninguém, mas sozinho.
Cuspido, o barco se foi,

direto no automático,
rumo à Terra do Boi.
E Manaus ficou tão leve
quanto fora no princípio
dos contos de “era uma vez”

dos livros da Carochinha,
quando o boi só era um peixe
que nadava pelas ruas
em forma de lampião
que iluminava os sonetos



escritos com rima e metro
de complexa tessitura,
mas sem lembrar que a luz,
que vinha do poste público
iluminar o poema

de tão fina arquitetura,
pegava toda a energia
do peixe que era boi
ou do boi que era peixe,
importa é que ele queimava,

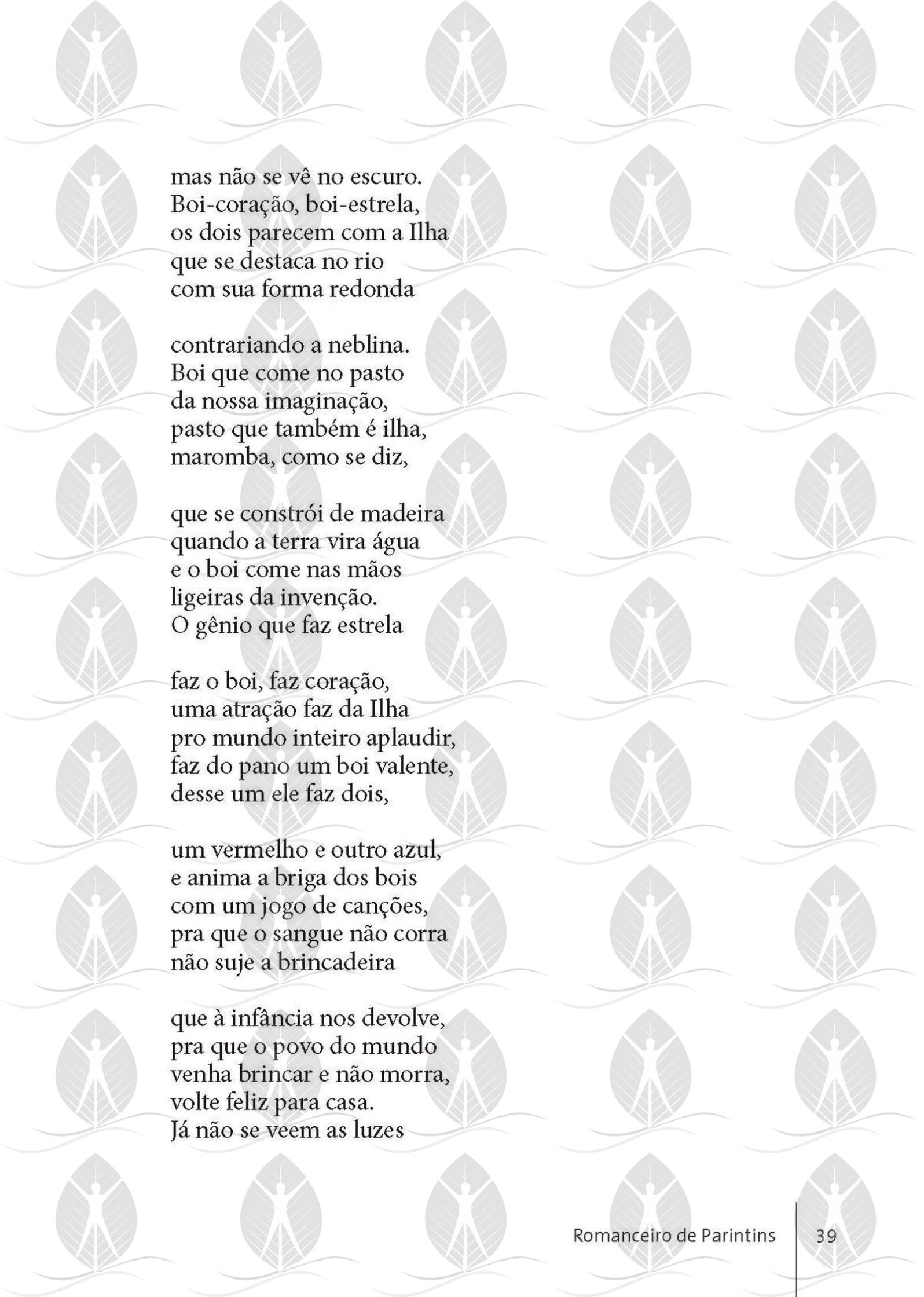
na própria gordura ardia.

Tão leve Manaus ficou
– foi rápida essa mudança –
e sozinha ficou feito
uma estrela, tadinha,

que muda fica no céu.
Aquele mesmo estrela
que um dia despencou
do céu e um gênio de mãos
ligeiras plantou na testa

do boi-de-pano e no mesmo
gesto de mágico fez
na testa do boi contrário
uma estrela redonda
em forma de coração

vermelho que nem planeta
que brilha na escuridão
e os navegantes conduzem
até o porto seguro
que a gente sabe no mapa,



mas não se vê no escuro.
Boi-coração, boi-estrela,
os dois parecem com a Ilha
que se destaca no rio
com sua forma redonda

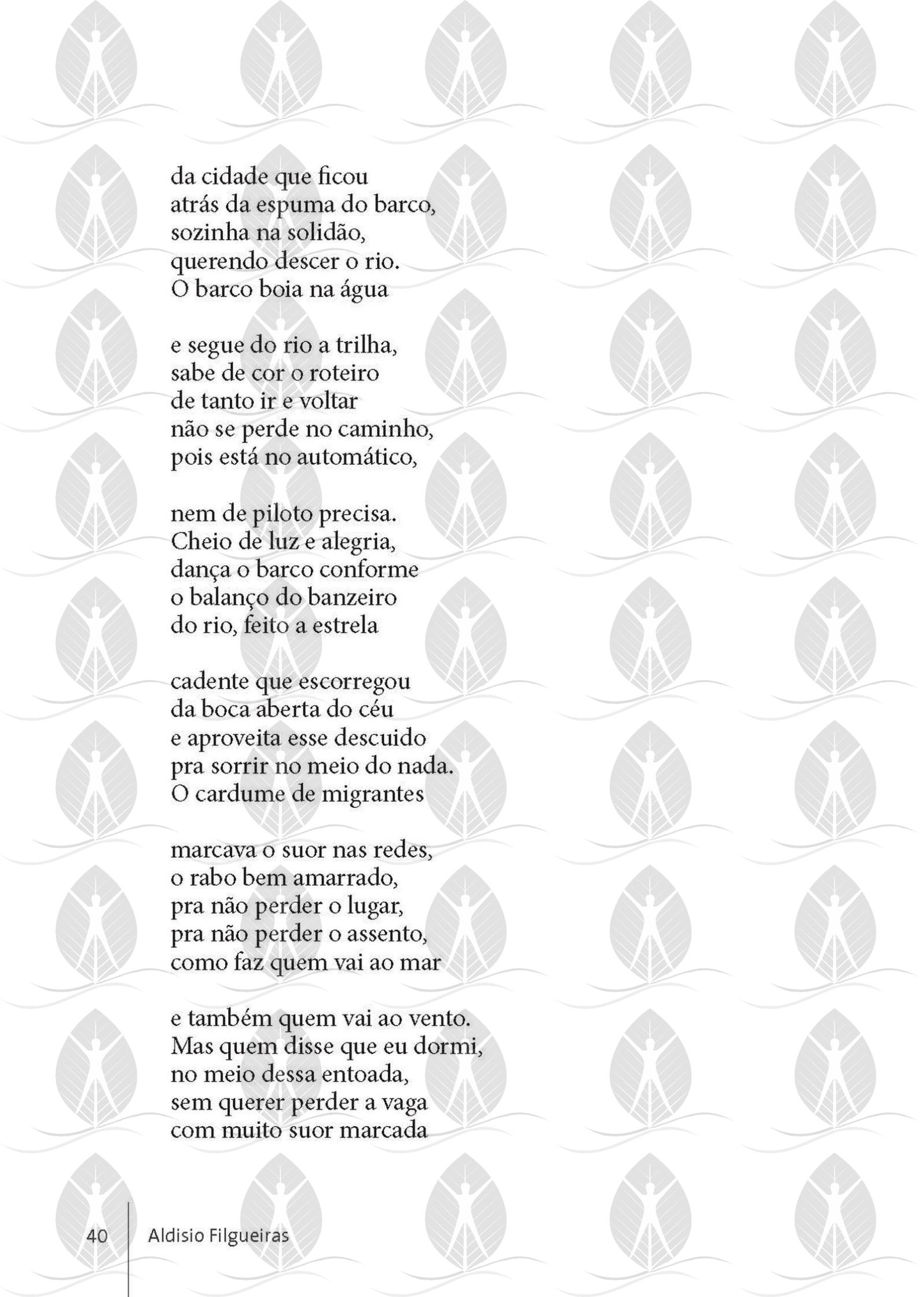
contrariando a neblina.
Boi que come no pasto
da nossa imaginação,
pasto que também é ilha,
maromba, como se diz,

que se constrói de madeira
quando a terra vira água
e o boi come nas mãos
ligeiras da invenção.
O gênio que faz estrela

faz o boi, faz coração,
uma atração faz da Ilha
pro mundo inteiro aplaudir,
faz do pano um boi valente,
desse um ele faz dois,

um vermelho e outro azul,
e anima a briga dos bois
com um jogo de canções,
pra que o sangue não corra
não suje a brincadeira

que à infância nos devolve,
pra que o povo do mundo
venha brincar e não morra,
volte feliz para casa.
Já não se veem as luzes



da cidade que ficou
atrás da espuma do barco,
sozinha na solidão,
querendo descer o rio.
O barco boia na água

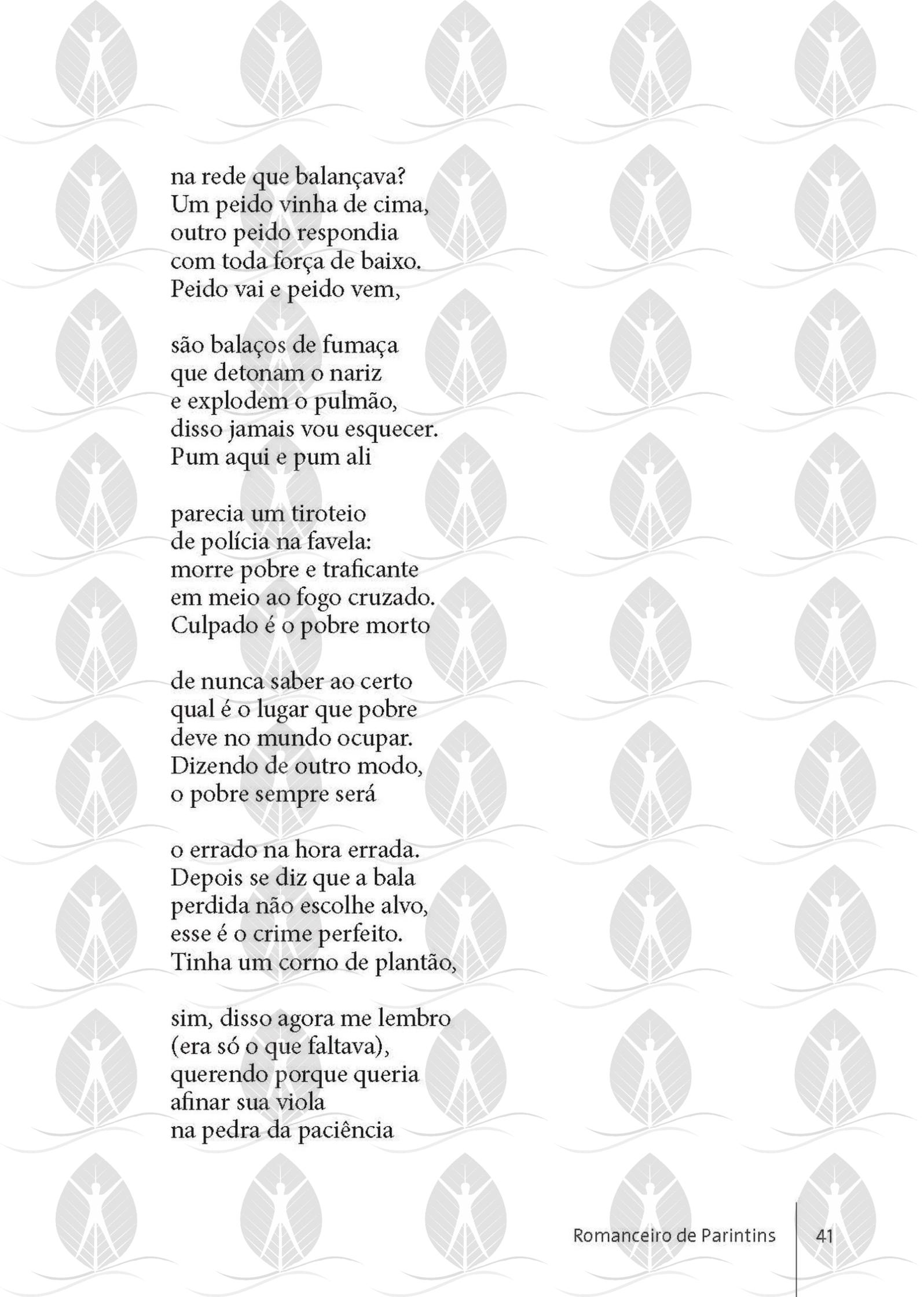
e segue do rio a trilha,
sabe de cor o roteiro
de tanto ir e voltar
não se perde no caminho,
pois está no automático,

nem de piloto precisa.
Cheio de luz e alegria,
dança o barco conforme
o balanço do banzeiro
do rio, feito a estrela

cadente que escorregou
da boca aberta do céu
e aproveita esse descuido
pra sorrir no meio do nada.
O cardume de migrantes

marcava o suor nas redes,
o rabo bem amarrado,
pra não perder o lugar,
pra não perder o assento,
como faz quem vai ao mar

e também quem vai ao vento.
Mas quem disse que eu dormi,
no meio dessa entoada,
sem querer perder a vaga
com muito suor marcada



na rede que balançava?
Um peido vinha de cima,
outro peido respondia
com toda força de baixo.
Peido vai e peido vem,

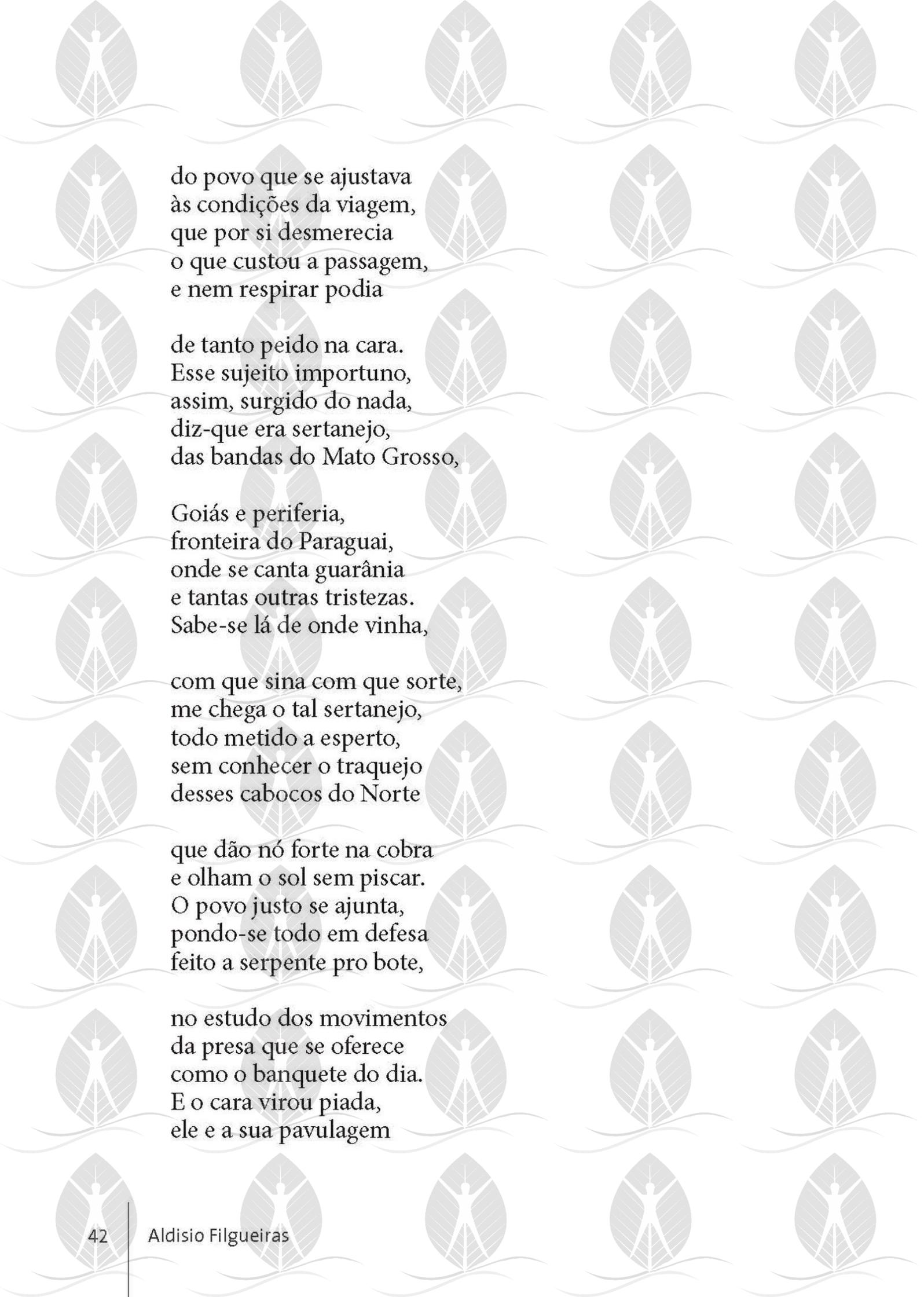
são balaços de fumaça
que detonam o nariz
e explodem o pulmão,
disso jamais vou esquecer.
Pum aqui e pum ali

parecia um tiroteio
de polícia na favela:
morre pobre e traficante
em meio ao fogo cruzado.
Culpado é o pobre morto

de nunca saber ao certo
qual é o lugar que pobre
deve no mundo ocupar.
Dizendo de outro modo,
o pobre sempre será

o errado na hora errada.
Depois se diz que a bala
perdida não escolhe alvo,
esse é o crime perfeito.
Tinha um corno de plantão,

sim, disso agora me lembro
(era só o que faltava),
querendo porque queria
afinar sua viola
na pedra da paciência



do povo que se ajustava
às condições da viagem,
que por si desmerecia
o que custou a passagem,
e nem respirar podia

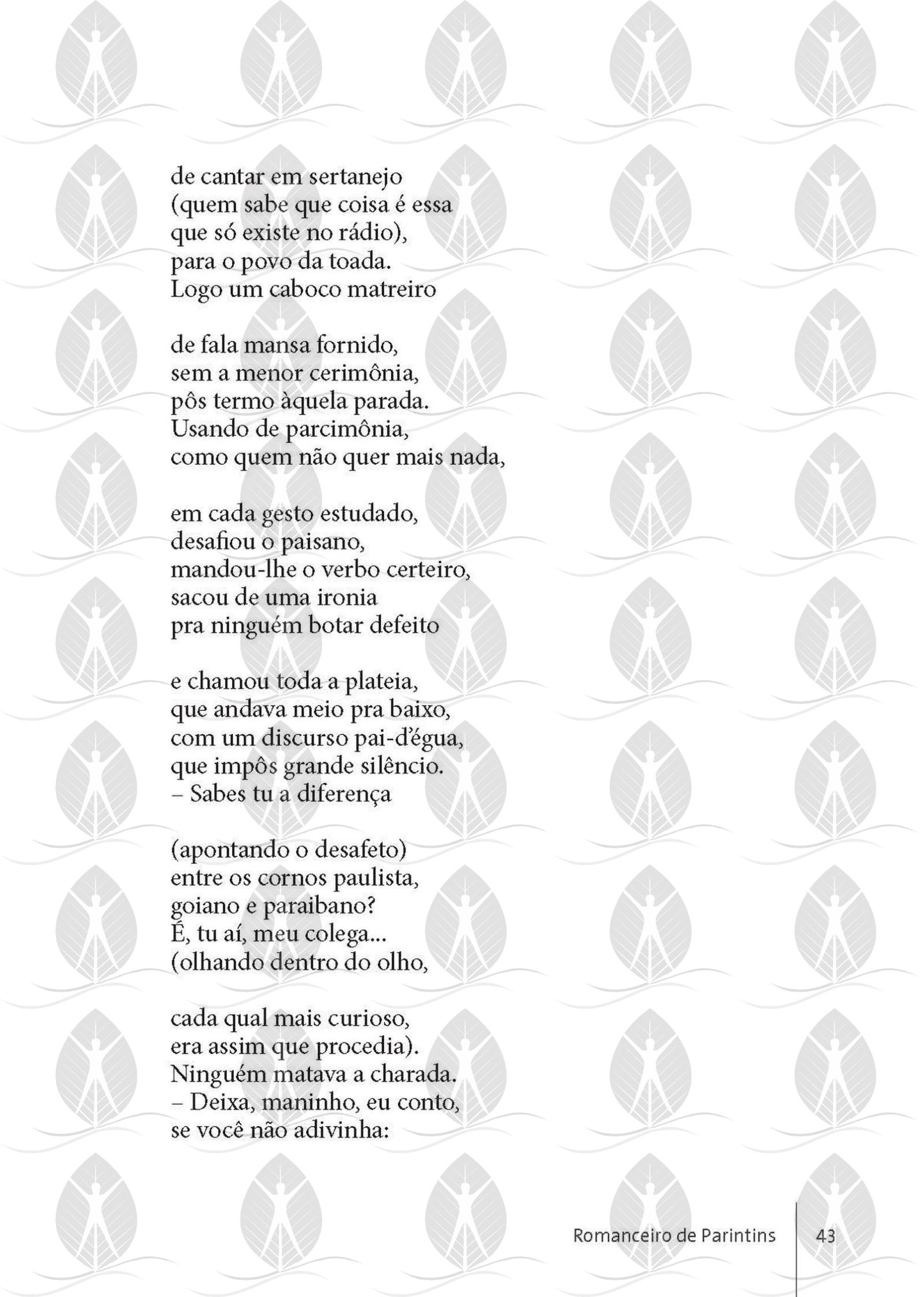
de tanto peido na cara.
Esse sujeito importuno,
assim, surgido do nada,
diz-que era sertanejo,
das bandas do Mato Grosso,

Goiás e periferia,
fronteira do Paraguai,
onde se canta guarânia
e tantas outras tristezas.
Sabe-se lá de onde vinha,

com que sina com que sorte,
me chega o tal sertanejo,
todo metido a esperto,
sem conhecer o traquejo
desses cabocos do Norte

que dão nó forte na cobra
e olham o sol sem piscar.
O povo justo se ajunta,
pondo-se todo em defesa
feito a serpente pro bote,

no estudo dos movimentos
da presa que se oferece
como o banquete do dia.
E o cara virou piada,
ele e a sua pavulagem



de cantar em sertanejo
(quem sabe que coisa é essa
que só existe no rádio),
para o povo da toada.
Logo um caboco matreiro

de fala mansa fornido,
sem a menor cerimônia,
pôs termo àquela parada.
Usando de parcimônia,
como quem não quer mais nada,

em cada gesto estudado,
desafiou o paisano,
mandou-lhe o verbo certo,
sacou de uma ironia
pra ninguém botar defeito

e chamou toda a plateia,
que andava meio pra baixo,
com um discurso pai-d'égua,
que impôs grande silêncio.
– Sabes tu a diferença

(apontando o desafeto)
entre os cornos paulista,
goiano e paraibano?
É, tu aí, meu colega...
(olhando dentro do olho,

cada qual mais curioso,
era assim que procedia).
Ninguém matava a charada.
– Deixa, maninho, eu conto,
se você não adivinha:

o corno paulista encontra
a mulher dele na cama
com outro cabra safado.

O paulista se socorre,
réu confesso no divã,

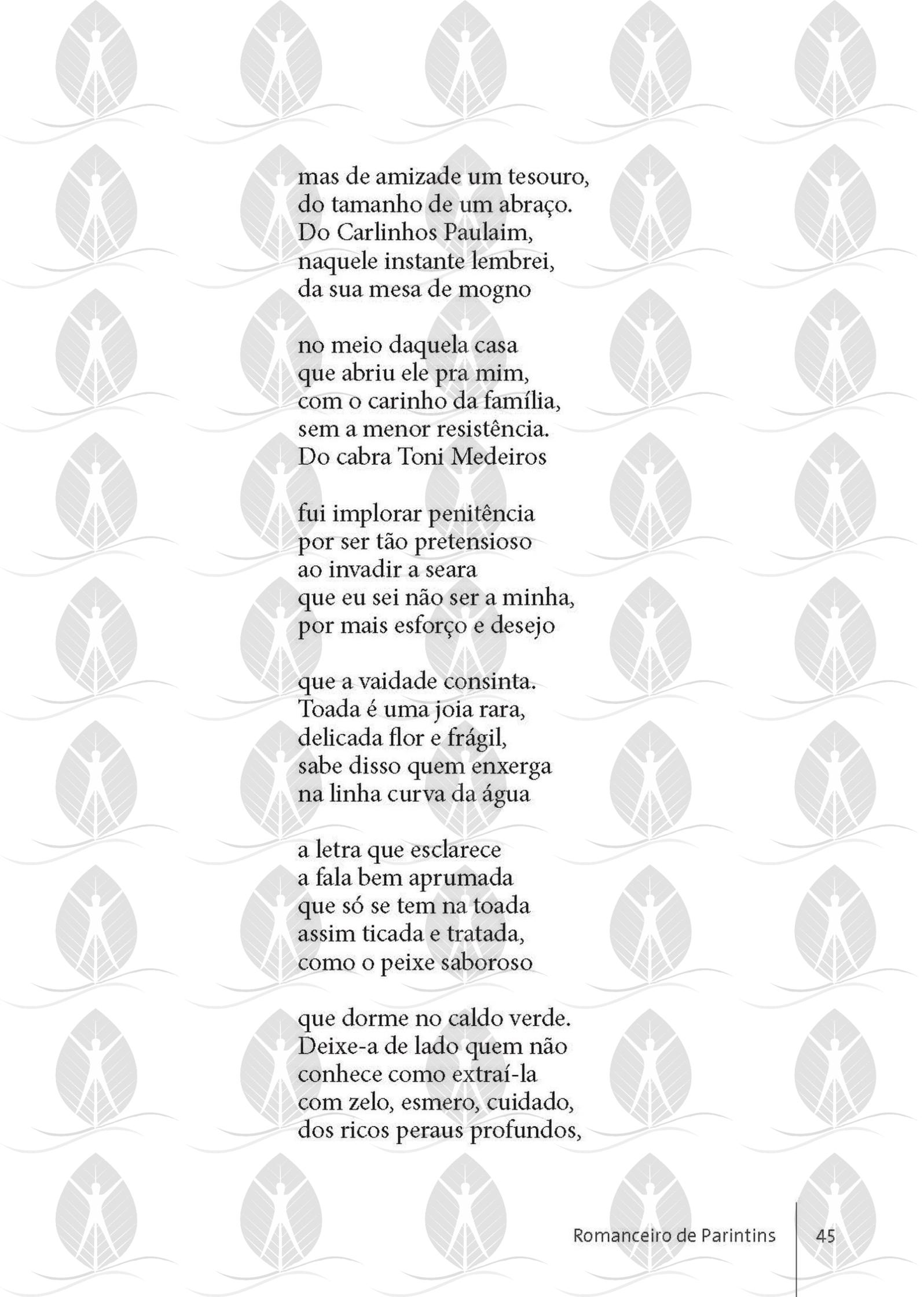
de famoso terapeuta
que lhe examina a cabeça
para saber de ciência
onde foi que o corno errou,
e lhe escavaca a infância

à procura das raízes
de tal sentimento infame.
Ele se acha culpado
da mulher dormir com outro
na cama que ele dormia,

crente que era amado
sozinho pela infiel
(bicho besta é o homem
que se acredita o dono
de tudo em que põe o nome).

(Aí, vontade me deu
de fazer uma toada,
dessas que o Chico da Silva,
com o dom que Deus lhe deu,
traçando peixe e cachaça

naquela ponta de praia,
faz de uma só tirada.
Lembrei do Emersom Maia,
valente que nem um touro
miura dentro da arena,



mas de amizade um tesouro,
do tamanho de um abraço.
Do Carlinhos Paulaim,
naquele instante lembrei,
da sua mesa de mogno

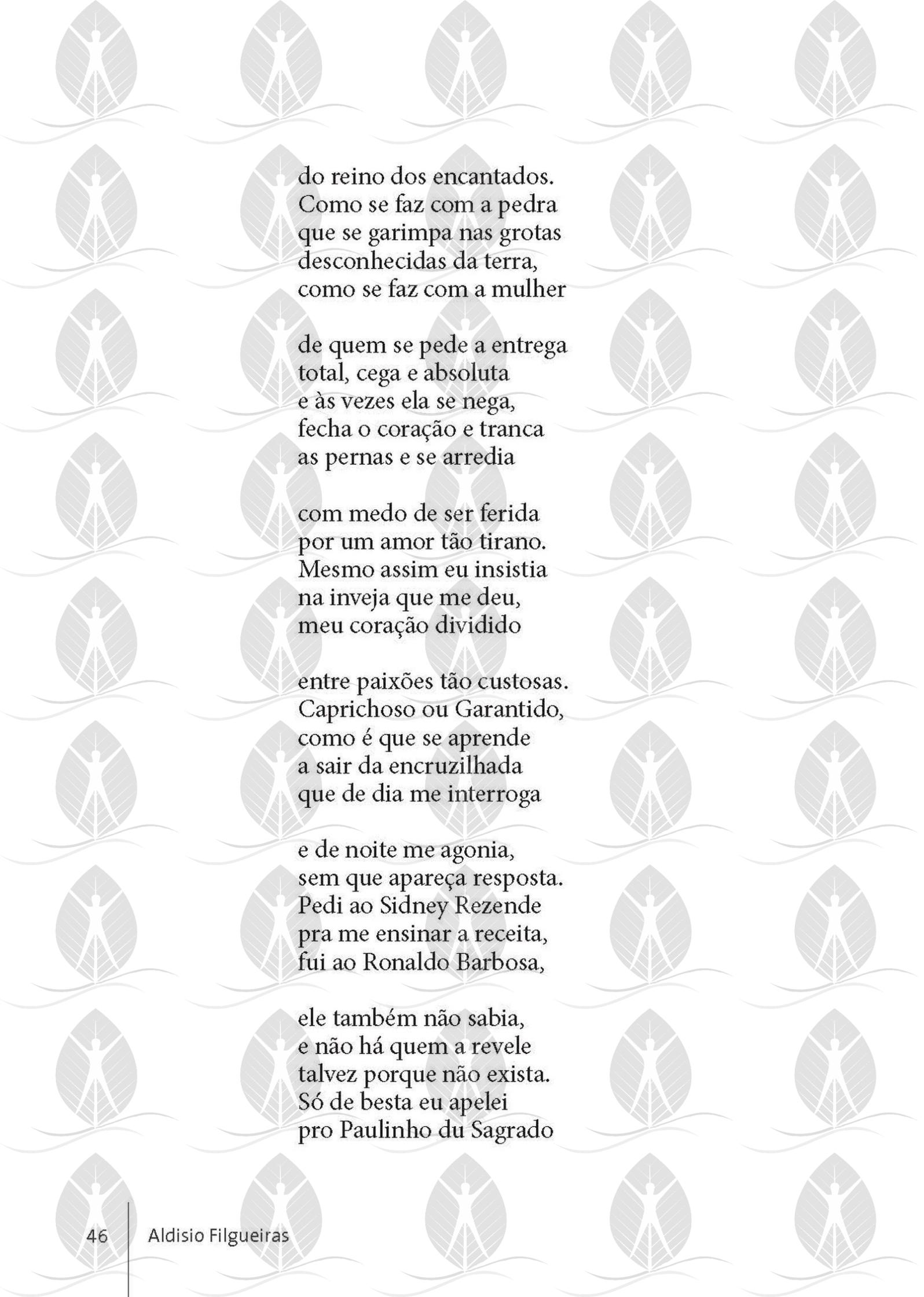
no meio daquela casa
que abriu ele pra mim,
com o carinho da família,
sem a menor resistência.
Do cabra Toni Medeiros

fui implorar penitência
por ser tão pretensioso
ao invadir a seara
que eu sei não ser a minha,
por mais esforço e desejo

que a vaidade consinta.
Toada é uma joia rara,
delicada flor e frágil,
sabe disso quem enxerga
na linha curva da água

a letra que esclarece
a fala bem aprumada
que só se tem na toada
assim ticada e tratada,
como o peixe saboroso

que dorme no caldo verde.
Deixe-a de lado quem não
conhece como extraí-la
com zelo, esmero, cuidado,
dos ricos peraus profundos,



do reino dos encantados.
Como se faz com a pedra
que se garimpa nas grotas
desconhecidas da terra,
como se faz com a mulher

de quem se pede a entrega
total, cega e absoluta
e às vezes ela se nega,
fecha o coração e tranca
as pernas e se arredia

com medo de ser ferida
por um amor tão tirano.
Mesmo assim eu insistia
na inveja que me deu,
meu coração dividido

entre paixões tão custosas.
Caprichoso ou Garantido,
como é que se aprende
a sair da encruzilhada
que de dia me interroga

e de noite me agonia,
sem que apareça resposta.
Pedi ao Sidney Rezende
pra me ensinar a receita,
fui ao Ronaldo Barbosa,

ele também não sabia,
e não há quem a revele
talvez porque não exista.
Só de besta eu apelei
pro Paulinho do Sagrado



de quem tomei o refrão
(e foi a Elaine Ramos
que me ofertou essa pérola)
cara, quando vi eu 'tava
pra começar a jornada

desse romance que prezo
ao jeito de Elson Farias
e já está longo demais,
me alerta o Anibal Beça,
insone na internet,

“quase que o sono desperta,
até em mim que não durmo”.
Tadeu Garcia e outros
mais que compõem a lista
telefônica da Ilha,

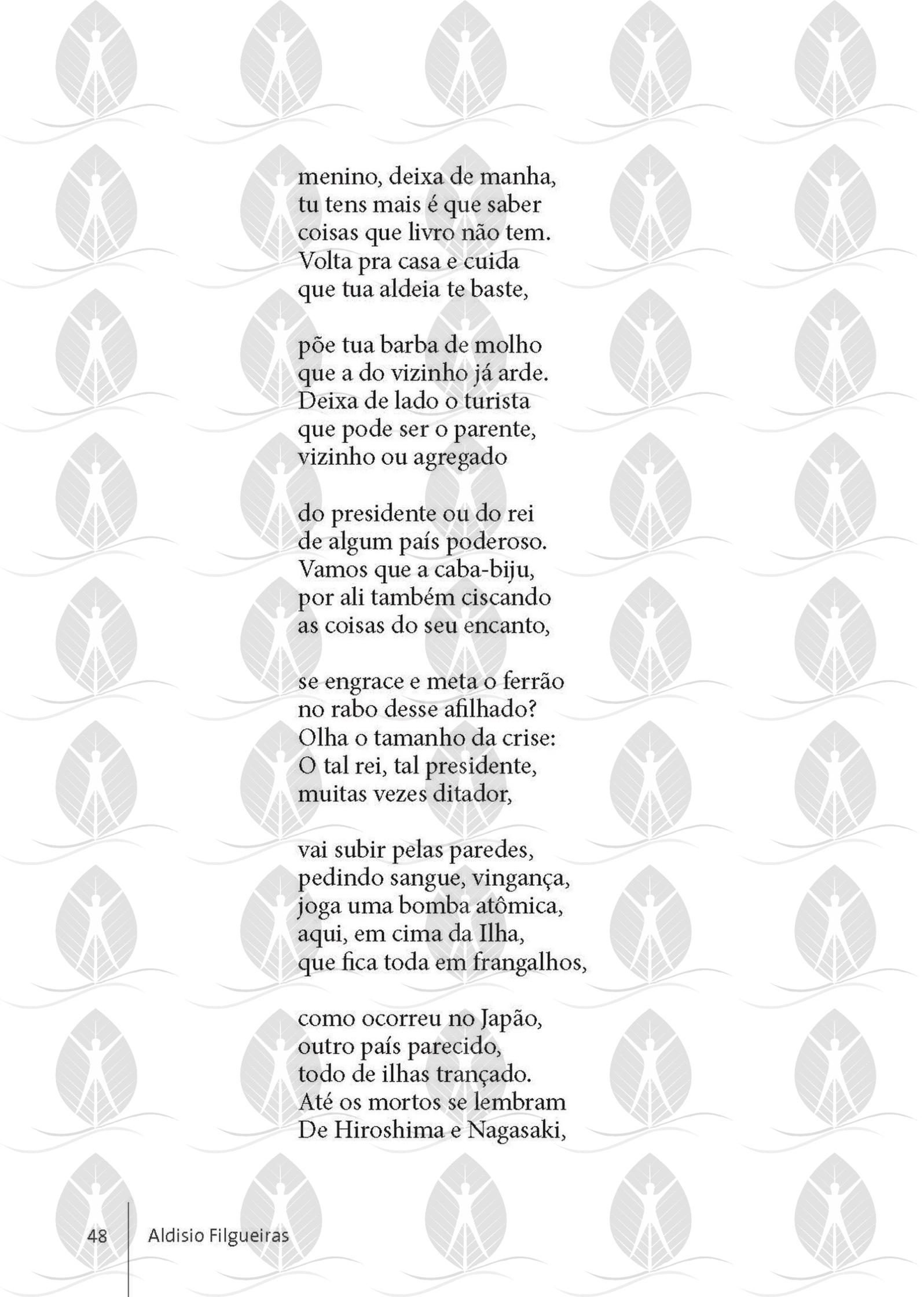
de todos me socorri
em grata comparsaria.

Ouvi, tresli, estudei
a precisão de maestro,
o diário e as memórias,

tempo, espaço, gramática,
de Tonzinho Saunier.

O mestre, que Deus o tenha,
apruma no rosto os óculos
e olha por cima deles,

a testa larga ele franze,
roça de leve os cabelos
lisos, ralos, quase prata,
com a ponta dos dedos, diz:
Curumim, deixa de pose,



menino, deixa de manha,
tu tens mais é que saber
coisas que livro não tem.
Volta pra casa e cuida
que tua aldeia te baste,

põe tua barba de molho
que a do vizinho já arde.
Deixa de lado o turista
que pode ser o parente,
vizinho ou agregado

do presidente ou do rei
de algum país poderoso.
Vamos que a caba-biju,
por ali também ciscando
as coisas do seu encanto,

se engrace e meta o ferrão
no rabo desse afilhado?
Olha o tamanho da crise:
O tal rei, tal presidente,
muitas vezes ditador,

vai subir pelas paredes,
pedindo sangue, vingança,
joga uma bomba atômica,
aqui, em cima da Ilha,
que fica toda em frangalhos,

como ocorreu no Japão,
outro país parecido,
todo de ilhas trançado.
Até os mortos se lembram
De Hiroshima e Nagasaki,

daquele 6 de agosto.
Só que eu não dei ouvidos,
não dei tento à razão,
querendo achar no erro
a minha nova lição

e nele precipitei:

O barco é lindo é grande
é grande quase um navio
me leva barco me leva
eu sou menino vadio
eu só quero ser feliz
ser feliz na Ilha Bela.
Uma morena me espera
talvez até mais de uma
me queira na Ilha Bela,
me leva barco, ligeiro.
Eu quero ir no banzeiro
por entre tantos aplausos
que me acenam das margens
e balançam o barco inteiro
querendo comigo ir
nunca mais voltar da Ilha.
Ó barco lindo, ligeiro
Ó barco lindo, ligeiro
me leva nesse banzeiro
Uma morena me espera
o corpo ardendo em brasa
a boca pedindo a Deus
que nada do mundo se acabe
antes que eu lhe acenda
o seu fogo de mulher
Ó barco lindo, ligeiro
grande quase um navio
me leva

me leva menino vadio
eu só quero ser feliz
ser feliz na Ilha Bela

Assim, sem rima nem nada,
morri de raiva e rasguei
essa canção de arremedo,
para evitar a vergonha.
Agora que me arrependo,

a cara, nem sei onde ponha
de me meter com a toada,
mas o estrago está feito.
Pobre daquele que sonha
embarcar em qualquer onda,

sem nunca ser amestrado.
Jamais fui Amo-do-boi,
Rapaz-do-amo ou Vaqueiro,
eu nunca estive em curral,
sirvo nem pra Catirina

quanto mais pro ritual
do pajé que alucina.
Com essa eu me dei mal,
avexado estou deveras,
nem sei aonde me esconda

– o mundo ficou pequeno –
das furiosas galeras,
da vaia do festival.
As mãos entrego às algemas,
por tudo que é santo eu juro

vexame não passo mais)
– E o paraibano, são moço?,
intervém o viajante
por um momento ausente
daquele breve parênteses

com o meu sonho sonhado.
Cobrava a desgraça alheia,
queria obituário.

O homem estava agitado,
tinha frequência antenada,

com o olho arregalado,
naquele noticiário.

O diabo quando não vem
manda certo o secretário,
pra ver se tudo procede

conforme o alinhavado.

Ouve quem tem paciência:

– Esse não brinca em serviço
(prosegue o caboco esperto):
pega os dois no bem-bom,

nem pede a Deus a coragem.

Ali mesmo ele estraçalha
os dois infames na faca
e sai com dois corações
ainda pulsando nas mãos,

grita no meio da rua
a sua honra lavada.

– E o goiano como fica?
(quer mais sangue, o desgraçado).

– Seu mano, não me atravesse,

inda hoje sofro o choque
daquele crime tão bárbaro.

O goiano chega em casa,
depois de muito trabalho
e flagra a mulher, de cara,



aqui, que ninguém nos ouça,
trepando com seu compadre,
no maior descaramento,
em frente à televisão,
no chão, no meio da sala,

não estava lá, mas eu vi,
vamos ver o que acontece.
O contador mede o povo
por cima do ombro e diz
sem definir o destino:

– O contador quer beber!
Se estava a cobrar ingresso,
nem precisou duas vezes.
A gente toda se apressa,
entope o fulano que narra

de cerveja até o talo.

– Pode deixar que eu prossigo,
disse depois de um gole.
O goiano chega em casa,
era o que eu antes dizia...

– Essa parte já passou,
interrompe o mais afoito.

– Pode deixar que eu pulo,
essa parte já narrada,
sossegue aí no seu canto,

preste atenção no que segue.
Pois... pega a mulher no coito
com o melhor dos amigos
do homem: um vira-lata,
sêo moço. Todo tão magro,



sem graça, que mal cabia
dentro daquela carcaça,
um bicho de puro osso,
maltratado e desvalido
que nem cachorro de índio

ainda que mal compare.
'Cê nem imagina, cumpade,
a dor que doeu na telha
do marido arruinado.

– A vida tem dessas coisas,

diz alguém com seus botões,
como quem fala sozinho,
sabendo que dor de chifre
não dói só lá no vizinho.

– Que faz o desinfeliz?,

arenga outro fulano,
logo ao que se lhe responde:

– Pega um avião que passa
sem que o vizinho corteje
e sai pelo mundo adentro,

cantando de galo e triste,
até achar outro corno
que forme junto com ele
uma dupla sertaneja.

– Ora, porra!, então é essa,

(alarma o coro do povo)
a farsa que nos regala?

– Não paga a pena a viagem!

– Já nem sei quem é mais corno,
esse que conta a história

ou quem por ele é contado
(reage assim esse coro).

– Quero a cerveja de volta!
– E agora como é que fica?
O narrador se afoba,

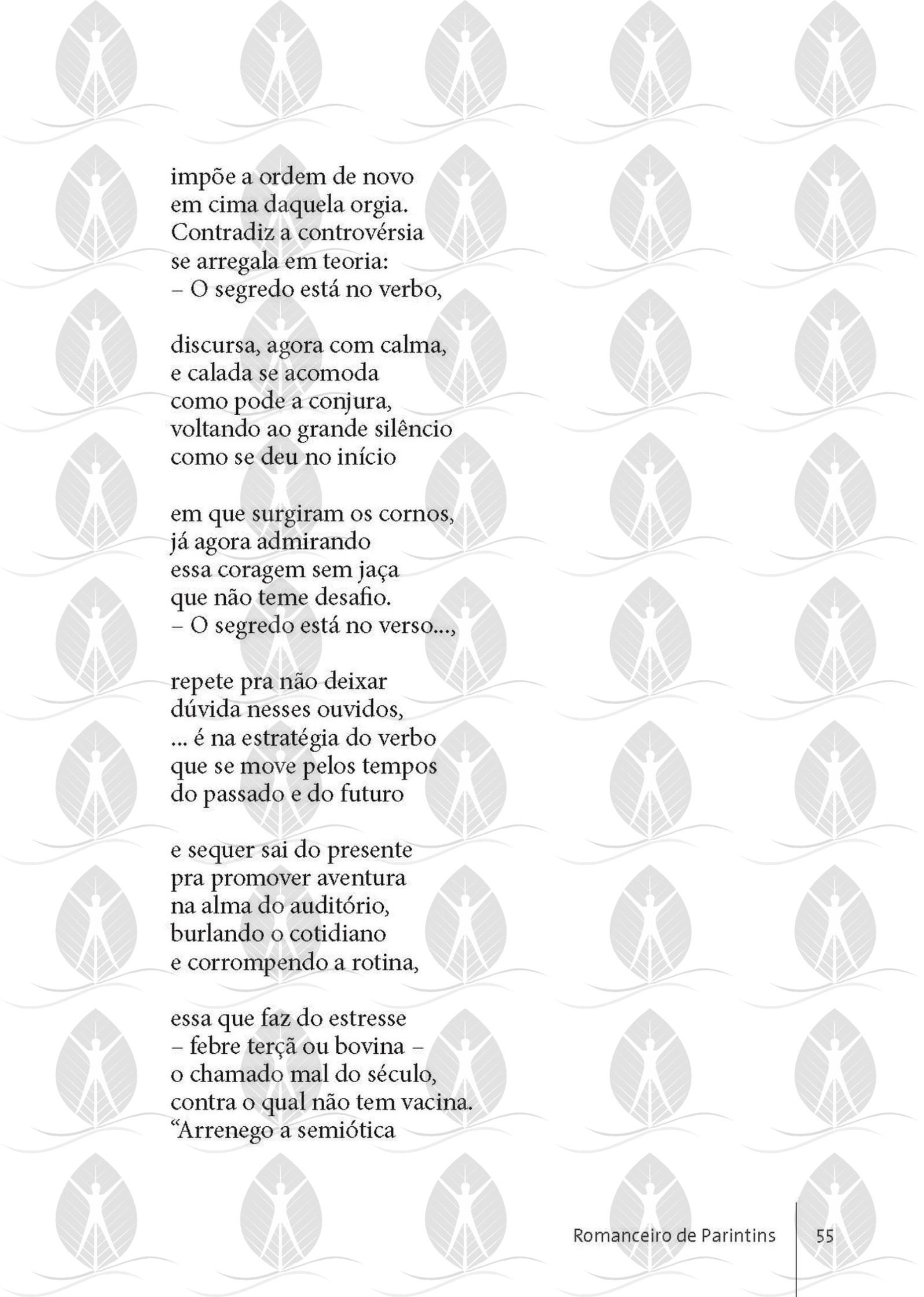
não quer passar por otário,
tropeça na própria língua,
inútil, ele se explica,
na verdade apenas tenta,
enquanto o coro prossegue:

“eu quebro!”, “eu arrebento!”,
pondo mais lenha no fogo.
Mas um cara só é macho
se está seguro em bando.
Se está sozinho ele mete

entre as pernas o rabo
e pede socorro e jura
que não tem nada com isso,
“Deus que abençoe a rainha,
mas do vexame me salve,

não quero ser testemunha,
quem disse que estou aqui?,
apenas estou de passagem,
meu vapor sai dentro em pouco”,
muda de tom, desconversa,

e sai assim de fininho,
como se diz, à francesa.
Narrador que se aprecia
de pronto retoma o fôlego,
assume total as rédeas,



impõe a ordem de novo
em cima daquela orgia.
Contradiz a controvérsia
se arregala em teoria:

– O segredo está no verbo,

discursa, agora com calma,
e calada se acomoda
como pode a conjura,
voltando ao grande silêncio
como se deu no início

em que surgiram os cornos,
já agora admirando
essa coragem sem jaça
que não teme desafio.

– O segredo está no verso...,

repete pra não deixar
dúvida nesses ouvidos,
... é na estratégia do verbo
que se move pelos tempos
do passado e do futuro

e sequer sai do presente
pra promover aventura
na alma do auditório,
burlando o cotidiano
e corrompendo a rotina,

essa que faz do estresse
– febre terçã ou bovina –
o chamado mal do século,
contra o qual não tem vacina.

“Arrenego a semiótica



me aconchega a dialética
de que agora me valho...”
– Bonito assim como fala,
o cara quer ser político,
logo ele vem e promete

na mesa vai pôr a comida,
distribuir a riqueza,
e mete a gente no bolso
como se fosse o seu troco.
Olha pra ele, o tihoso,

que pensa que o mundo é besta.
Quem fala bonito quer
com certeza ser eleito –,
se expressa assim um caboco
mais de uma vez enganado

por essa voz de palanque,
de alma que pede reza.
Um corpo caiu no rio,
pelas águas foi tragado
sem quase fazer barulho,

mas ninguém virou pra ver
quem era o traste afogado.
Foi de certo o sertanejo
(o narrador foi eleito
na próxima eleição)

querendo achar um parceiro
nos encantados do rio,
para afinar o concerto
de duas vozes gasguitas.
E assim foi, ele sumiu,



por esse vale de lágrimas,
de CD e de vinil,
pra não mais aparecer
no resto de nossas vidas.
A massa então satisfeita,

livre daquele encenqueiro,
parece cair em si.
Do baú tira uma trova,
daquelas muito queridas,
que ninguém pode esquecer,

no coração bem guardada
debaixo de sete chaves.
Logo se anima o convés
que o refrão já conhece,
de cor sabe e salteado,

esse fino relicário:
Ninguém gosta mais
desse boi do que eu!,
parece alma lavada
de todos os sofrimentos,

sem dúvida, a paz reinava.
Surge então o Paulaim,
como se fosse um fantasma,
um fogo-fátuo surgido
de brusco em cima da mesa

toda entulhada de copos,
de tira-gostos gostosos,
piracuí de bodó,
um tambaqui de regalo,
muitas latinhas vazias,



montado estava o cenário.
Foi como um grito de guerra
dos hunos contra os romanos,
corrompendo o universo.
Descia o rio, descia

o barquinho com sua luz
de errante vaga-lume
feito a estrela cadente,
que no começo do verso,
início desta novela,

não tinha onde cair
nem como ser enterrada,
mesmo que fosse na água.
Agora, sorria ela
sorria com todo o brilho

na boca daquela gente
em sua luz conformada.
E quem disse que eu dormi?
O ritmo desse rio,
o ritmo desse barco,
o ritmo dessa rede,

que vai lá e vem cá,
gemendo nos armadores,
feito banzeiro que bate
a língua do rio na margem,
arranca o sal do barranco

e estala dentro da boca
com toda a satisfação.
Tudo isso me abraça
e conforta feito o riso
aberto das cunhantãs



que não me deixa dormir
no batuque desses ritmos,
fartos em gesto e palavra.
“Por que falou desse jeito
de paulista e paraíba,

daquele pobre goiano”?
Não se esquece a tragédia,
como há pouco foi contada,
dos três cornos ocorrida
em três diferentes terras

dessa nação brasileira.
Por isso alguém investiga,
ameaça abrir inquérito,
de injúria e de calúnia,
capricha na acusação,

esse alguém também quer briga
e só vê difamação,
em tudo quer preconceito
na certidão de origem
dos três cornos referidos,

algumas linhas acima.
Mas o fato engole o ato
que a palavra não muda.
Esse alguém tão patriota
em mal momento escolhido

defensor dos infelizes
já esquecerá o sarcasmo,
a lhe fazer de idiota,
do narrador em defesa
da sua própria conduta,



embora de saco cheio.
Uma ala da plateia
se alia em coro perfeito
pra se meter no assunto:
“Quem manda casar com puta,

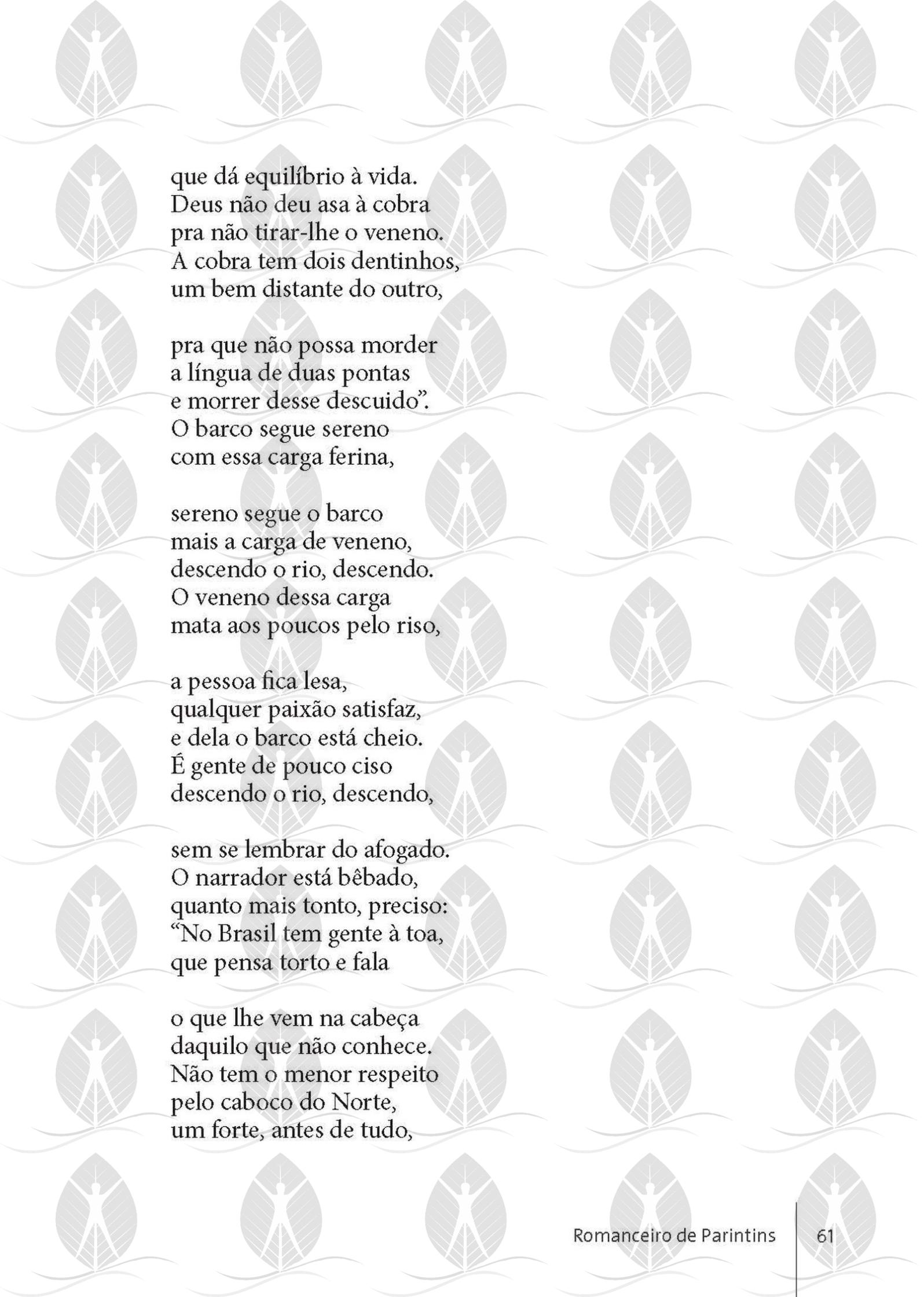
isso pra mim foi bem feito”.
Tinha, porém, outra ala,
cada vez mais resoluta
a discordar da sentença,
com uma carta na manga,

três ases e um coringa.
Pra turma do deixa-disso,
avaliando o processo
no tribunal de boteco,
não era esse o problema:

“se a mulher jurou em falso
ser fiel, coisas que tais,
valia só o abandono
pra validar o castigo.
Estava certo o paulista

estava o goiano certo,
o paraíba errou,
e disso não mais se trata”,
assimilando na hora
a forma justa da norma

politicamente certa.
Mas era outro o projeto,
“nisso agora insisto”,
o narrador interveio.
“É a volta do anzol



que dá equilíbrio à vida.
Deus não deu asa à cobra
pra não tirar-lhe o veneno.
A cobra tem dois dentinhos,
um bem distante do outro,

pra que não possa morder
a língua de duas pontas
e morrer desse descuido”.

O barco segue sereno
com essa carga ferina,

sereno segue o barco
mais a carga de veneno,
descendo o rio, descendo.

O veneno dessa carga
mata aos poucos pelo riso,

a pessoa fica lesa,
qualquer paixão satisfaz,
e dela o barco está cheio.
É gente de pouco ciso
descendo o rio, descendo,

sem se lembrar do afogado.
O narrador está bêbado,
quanto mais tonto, preciso:
“No Brasil tem gente à toa,
que pensa torto e fala

o que lhe vem na cabeça
daquilo que não conhece.
Não tem o menor respeito
pelo caboco do Norte,
um forte, antes de tudo,



eu lhes digo de passagem,
quando pega na rodilha
é porque pode com o pote”.
Assim é que se refere
a nova defensoria,

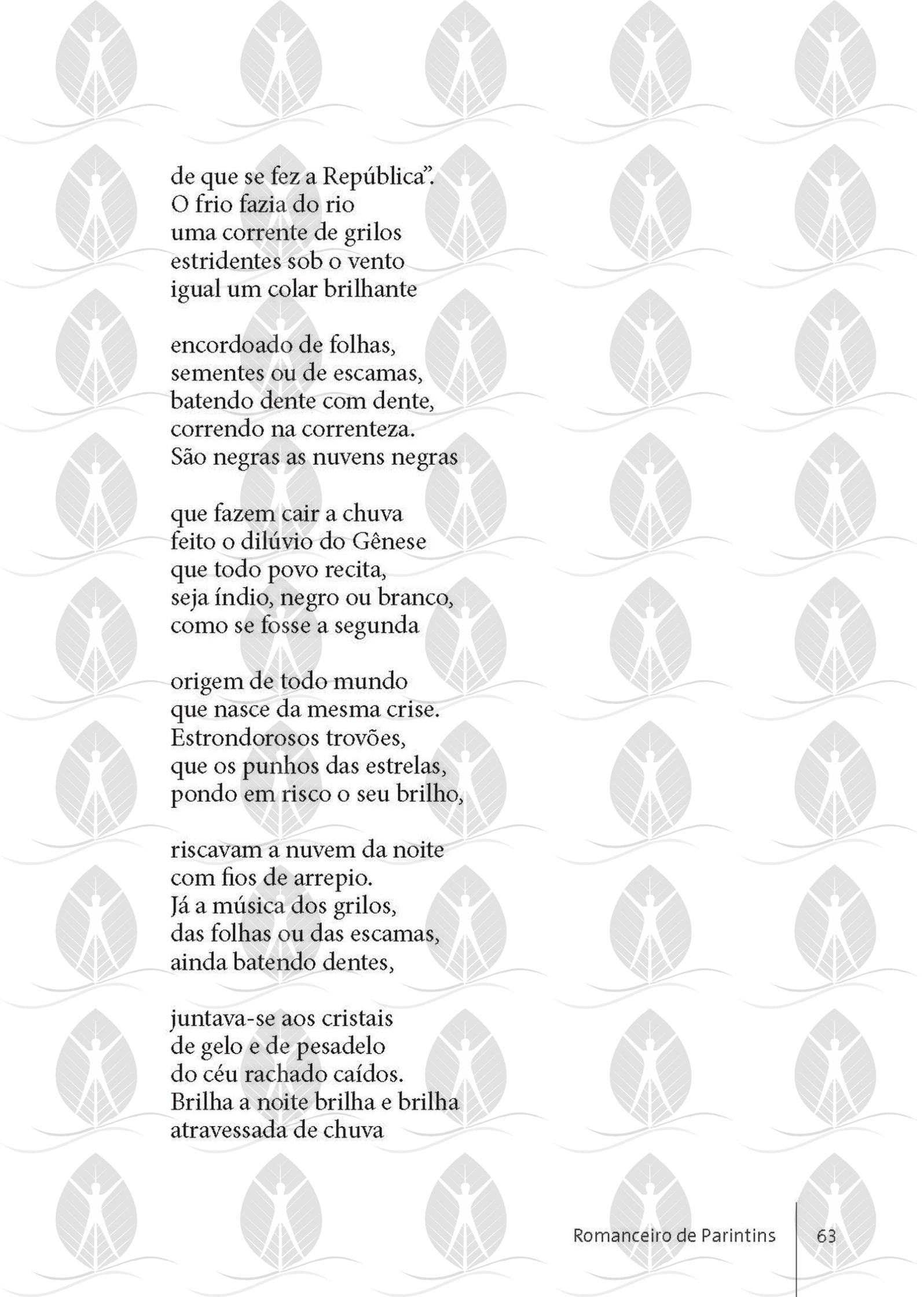
numa defesa sem peias.
“Pra esse Brasil sudeste,
deitado em berço esplêndido
de tão farta ignorância,
Manaus tem onça na rua,

índio atrás do balcão,
querendo roubar freguês
com lápis cego na mão,
a mulher só anda nua,
dá rasteira em cobra e mata

o jacaré de risada.
É nossa vez de vingar
essa mentira odiosa.
É a volta do anzol
que não perdoa o peixe

trouxa que morre engasgado
pela ganância da boca.
O Brasil não se envergonha
de ser país de estatística,
só sabe contar nos dedos

os dados que alimentam
ninho de cobra e política,
o resto fica de fora
da norma federativa
de ordem e de progresso



de que se fez a República”.
O frio fazia do rio
uma corrente de grilos
estridentes sob o vento
igual um colar brilhante

encordado de folhas,
sementes ou de escamas,
batendo dente com dente,
correndo na correnteza.

São negras as nuvens negras

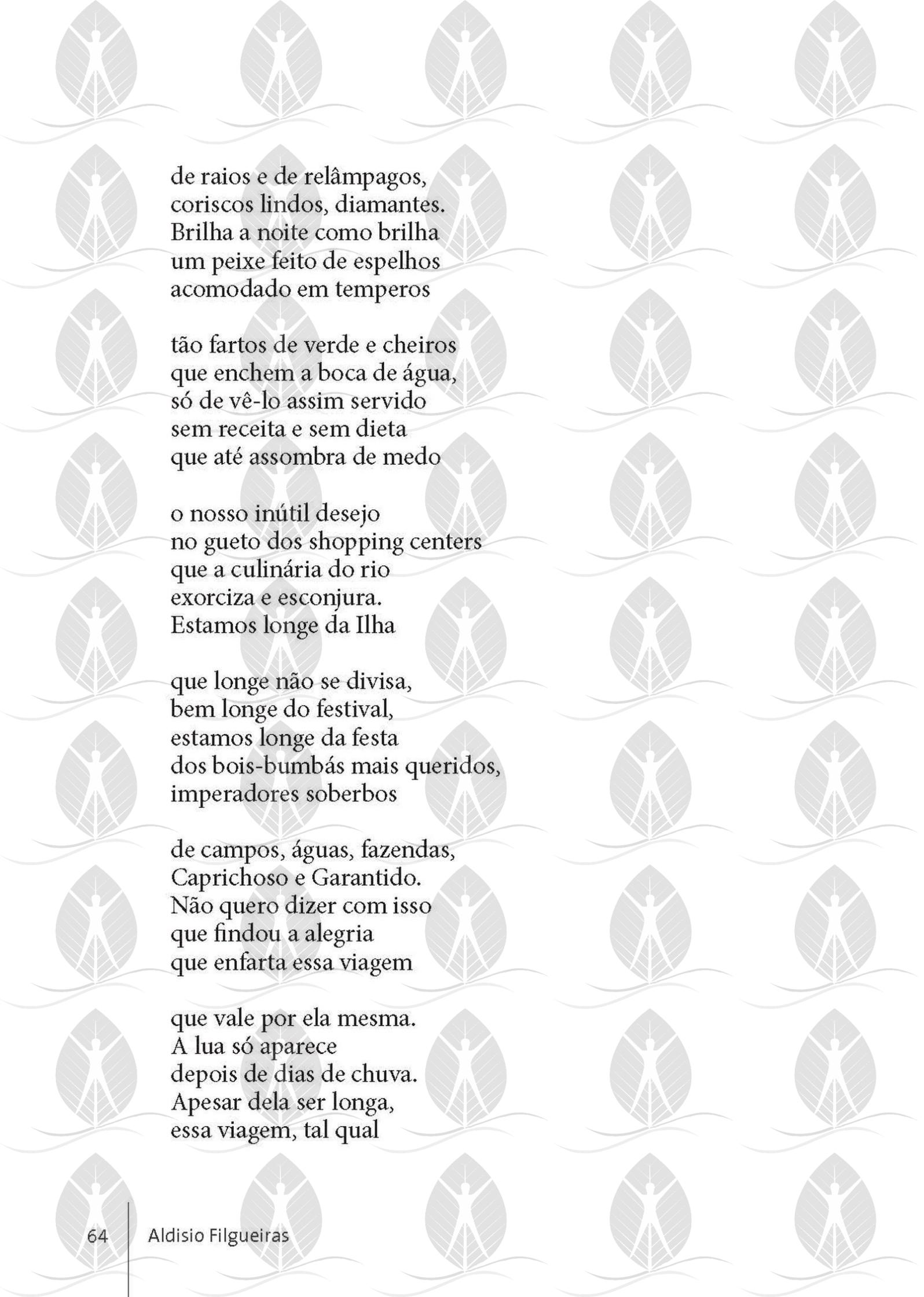
que fazem cair a chuva
feito o dilúvio do Gênese
que todo povo recita,
seja índio, negro ou branco,
como se fosse a segunda

origem de todo mundo
que nasce da mesma crise.
Estrondorosos trovões,
que os punhos das estrelas,
pondo em risco o seu brilho,

riscavam a nuvem da noite
com fios de arrepio.

Já a música dos grilos,
das folhas ou das escamas,
ainda batendo dentes,

juntava-se aos cristais
de gelo e de pesadelo
do céu rachado caídos.
Brilha a noite brilha e brilha
atravessada de chuva



de raios e de relâmpagos,
coriscos lindos, diamantes.
Brilha a noite como brilha
um peixe feito de espelhos
acomodado em temperos

tão fartos de verde e cheiros
que enchem a boca de água,
só de vê-lo assim servido
sem receita e sem dieta
que até assombra de medo

o nosso inútil desejo
no gueto dos shopping centers
que a culinária do rio
exorciza e esconjura.
Estamos longe da Ilha

que longe não se divisa,
bem longe do festival,
estamos longe da festa
dos bois-bumbás mais queridos,
imperadores soberbos

de campos, águas, fazendas,
Caprichoso e Garantido.
Não quero dizer com isso
que findou a alegria
que enfarta essa viagem

que vale por ela mesma.
A lua só aparece
depois de dias de chuva.
Apesar dela ser longa,
essa viagem, tal qual



um dia longo de fome,
a gente bebe alegria
alegria a gente come,
no ar a gente fareja,
se veste dela se veste,

mesmo quando mareado.
Então é que amazonhece
e o sol arremeda o rio.
A vista da gente se farta
com paisagem tão vasta,

de puro cinemascope.
Tantas árvores nas margens,
o céu coberto de pássaros,
(ó meu Deus, quanta besteira)
um desaforo de água,

rio insultado de peixes.
É tão farto esse absurdo
que nos joga no abstrato
até onde alcança a vista
e o que mais lhe apetece

e a gente quase não sente
singrando o barco singrando
água, terra, ar e fogo.
Falta tempo pra chegar
e não mais que de repente

no meio do rio acontece
a brusca transformação
(chega de papo furado):
do povo que entrou no porto
não sobra qualquer vestígio,



nem pra remédio um traço
que possa identificá-lo,
nem pela arcada dentária,
que faz falta a muita gente,
será possível inteirá-lo

de novo no seu começo.
Emerge das redes um tipo
de coisa que mais parece
uma onda que evolui
sem freio, sem contenção,

tamanha essa orgia.
Um estranho suicídio
coletivo toma forma
igual uma pororoca
que avança sem limites

com fome de terra e água,
um punho forte que bate
e leva para o nocaute
o que lhe surge na frente,
abre o portal do delírio,

nada se lhe assemelha.
Dois pra lá e dois pra cá,
bate banzeiro e tambor,
a onda agita o povo
na cor do sangue avermelha,

no sangue azul se renova.
O suor inunda o barco,
começa tudo de novo.
Agora esse barco afunda
sem lei, sem deus e sem rei,



tremenda a festa de índio.
O barco tem nome de santo,
mas sua carga é de cio.
Quem for podre que se quebre
que pega fogo no circo,

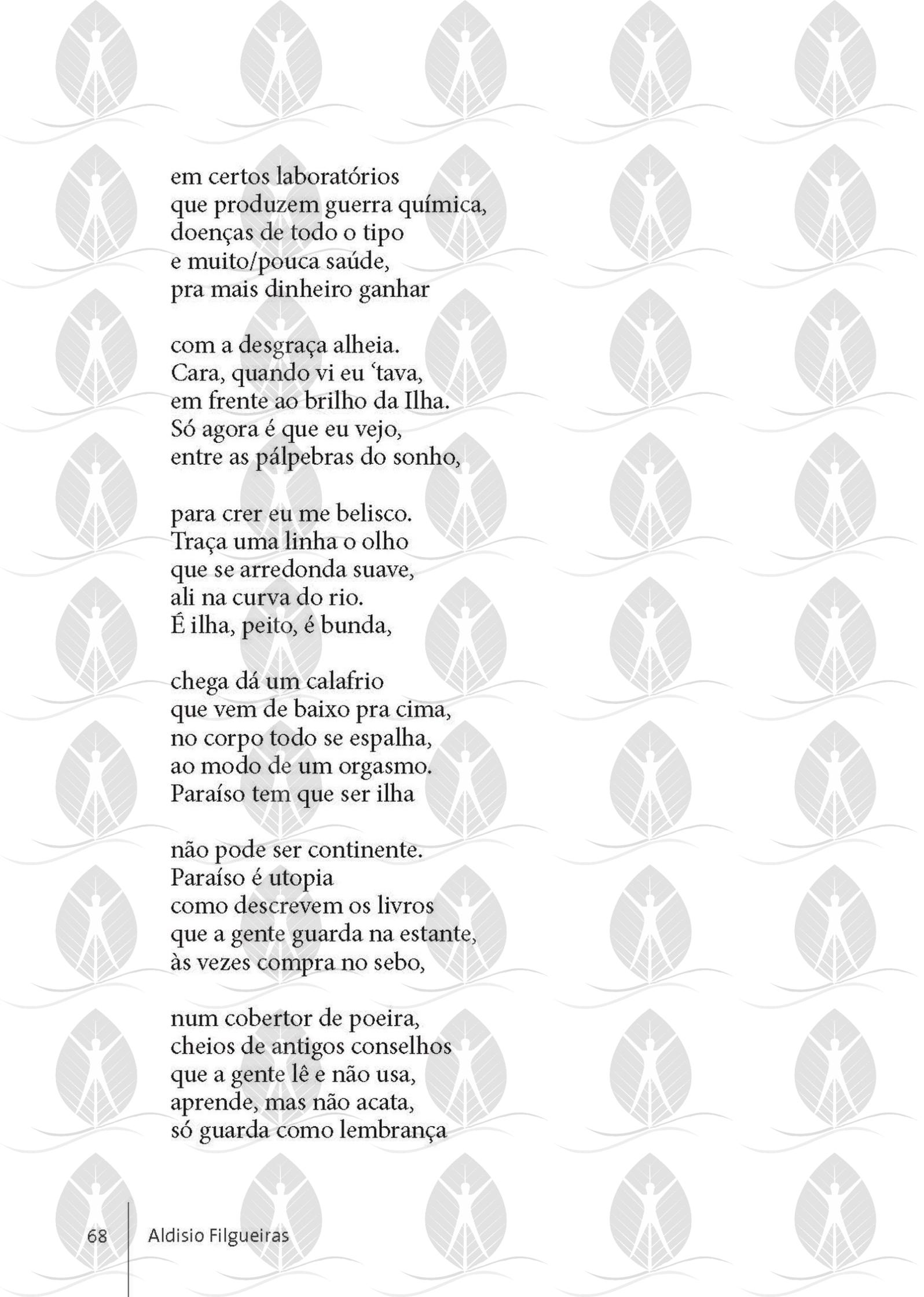
queima o palhaço também
na fogueira das toadas.
Eu já sou quase um bagaço,
me acomodo como posso,
mas desisti do cansaço

no jogo desse banzeiro.
De longe diviso a Ilha,
talvez agora eu me salve.
Mas a farra apenas começa,
agora tudo se enlaça

e ninguém fica sabendo,
pois todo mundo disfarça,
quem mais que remexe a bunda
se é macho se é fêmea.
A Ilha não é a sétima

nem oitava maravilha
do mundo, isso não conta,
pra quem é mais que um número,
por isso, a Ilha é única.
Tudo que nela acontece

e brilha é por ser pequena.
Pequena feito o átomo
capaz de pronto explodir,
fechado em alta voltagem,
quando cortado ao meio



em certos laboratórios
que produzem guerra química,
doenças de todo o tipo
e muito/pouca saúde,
pra mais dinheiro ganhar

com a desgraça alheia.
Cara, quando vi eu 'tava,
em frente ao brilho da Ilha.
Só agora é que eu vejo,
entre as pálpebras do sonho,

para crer eu me belisco.
Traça uma linha o olho
que se arredonda suave,
ali na curva do rio.
É ilha, peito, é bunda,

chega dá um calafrio
que vem de baixo pra cima,
no corpo todo se espalha,
ao modo de um orgasmo.
Paraíso tem que ser ilha

não pode ser continente.
Paraíso é utopia
como descrevem os livros
que a gente guarda na estante,
às vezes compra no sebo,

num cobertor de poeira,
cheios de antigos conselhos
que a gente lê e não usa,
aprende, mas não acata,
só guarda como lembrança



(só quando lê é que lembra).

A beira em todo o redor
da Ilha ferve, estrebucha,
de tanta quinquilharia,
rede, farnel com farinha,

criança ainda debraço
dependurada no peito
de leite das mães solteiras,
parece um mercado árabe
trazido dentro dos barcos,

e até a muque, no remo
de solitárias canoas,
vem disputar o seu preço,
ouve-se claro o pregão.
Gentes de muito comércio,

comércio de muitas gentes,
mercado de troca-troca,
mas sem nenhuma indústria,
é dando que se recebe.
Uma velha avó materna

me surge logo de frente,
querendo trocar a neta,
um rabisquinho de gente,
jitinha de tão pequena,
por um pedaço de pão.

Queria a velha queria
uma roupa de algodão
ou qualquer mercadoria
que superasse o vazio
que a franzina deixava



na troca que ela fazia.
“Faz mal, não, tem outra filha,
que está prestes a parir.
Leve essa alma sem susto,
pois ela já está criada

e um dia pode ser gente”.
No fundo, a velha dizia,
eu lia nas entrelinhas:
“quem tem padrinho não morre
pagão e não vai pro limbo,

me faça essa caridade”.
Mas isso o povo não via
(o povo aprende a fingir
que não conhece a verdade).
O berreiro das toadas

e as cores das bandeiras
cobriam tudo envolviam
em cortina de veludo
e cores de fantasia.
“Que festa é esta, meu Deus?

Nossa Senhora do Carmo,
me livre dessa invasão”,
gritava o padre de braços
abertos todos à porta,
que também estava aberta,

da sua igreja romana.
Já nem mais tinha cabelos
esse padre escancarado
que água-benta jogava
sobre a massa que invadia



seu território sagrado.
Aos crentes se aliava
e aos macumbeiros pedia
uma mandinga certa
pra afastar a danação

que alastrava desde o porto
em todas as direções
o estouro da boiada.
O povo olhando a figura
de braços abertos na rua

pensava que era abraço
de boas-vindas, saudando,
e não um padre contrito,
rezando com fé rezando.
O santo homem, porém,

acabou mesmo abraçando
aquela ruma de raças
surgida de muito longe
subindo ladeira acima,
descendo ladeira abaixo,

uns peregrinos ao léu.
Arrancou toda suspeita
que tinha no coração
com as mãos voltadas pro céu,
na mais singela oração:

“Senhor meu e testemunha
perdoai o Vosso servo,
que mal Vos serve na Terra.
Eu Vos lembro todo dia:
não dá pra pegar à unha



um boi-de-pano e folia.
Se não se fez em milênios,
não se desfaz num só dia,
nem mesmo numa semana.
Não vamos tentar agora

o exemplo e o castigo
de Sodoma e de Gomorra.
Paciência, em vez de ira,
está no Evangelho Novo.
Todo mundo tem direito

– sua cabeça é seu guia –
de por um dia ser louco,
desde que essa loucura
não gaste todo o juízo,
como se gasta dinheiro

em meio às estrepolias”.
Assim pede e aconselha,
o padre humilde, ousado.
Pra não recorrer ao bispo,
atalhou a hierarquia

e falou com Deus, direto.
O sábio padre sabia:
a certeza é que nos cega
mais do que a fé nos guia.
Nesse instante do concílio,

um pajé saiu da nuvem
que escondia a maravilha
de junho, a última chuva
que chovia e não chovia.
O pajé sopra a fumaça



do cigarro que fumava.
Parecia que escrevia
no nada com tal cigarro
sua palavra sagrada:
“Acorda, gente estrepeira,

antes que seja tarde
o acordar da borracheira”,
assim dizia o pajé
fumando a sabedoria,
muito mais ele dizia:

“ao índio o que mais se ensina
é o que não presta no branco.
Traço no chão este círculo
e nele ponho a unha
da onça com sua astúcia,

do gavião a coragem
é que exponho a garra.
Deixem de mão meus parentes,
em paz na Casa do Centro”.
E aí, sumiu na fumaça

do branco verão do dia,
pois agora não chovia
e ardia a brasa do sol.
Mais que a fumaça, ardia,
ardia no chão, o círculo

com a magia do índio.
No segundo andar da Ilha,
o barco pôde ancorar.
Imagine-se o sufoco
e quanto arrependimento



trazia eu de reboque,
o porto estava apinhado
com quem primeiro chegou.
Ao pisar naquela beira
a Ilha quase adernava

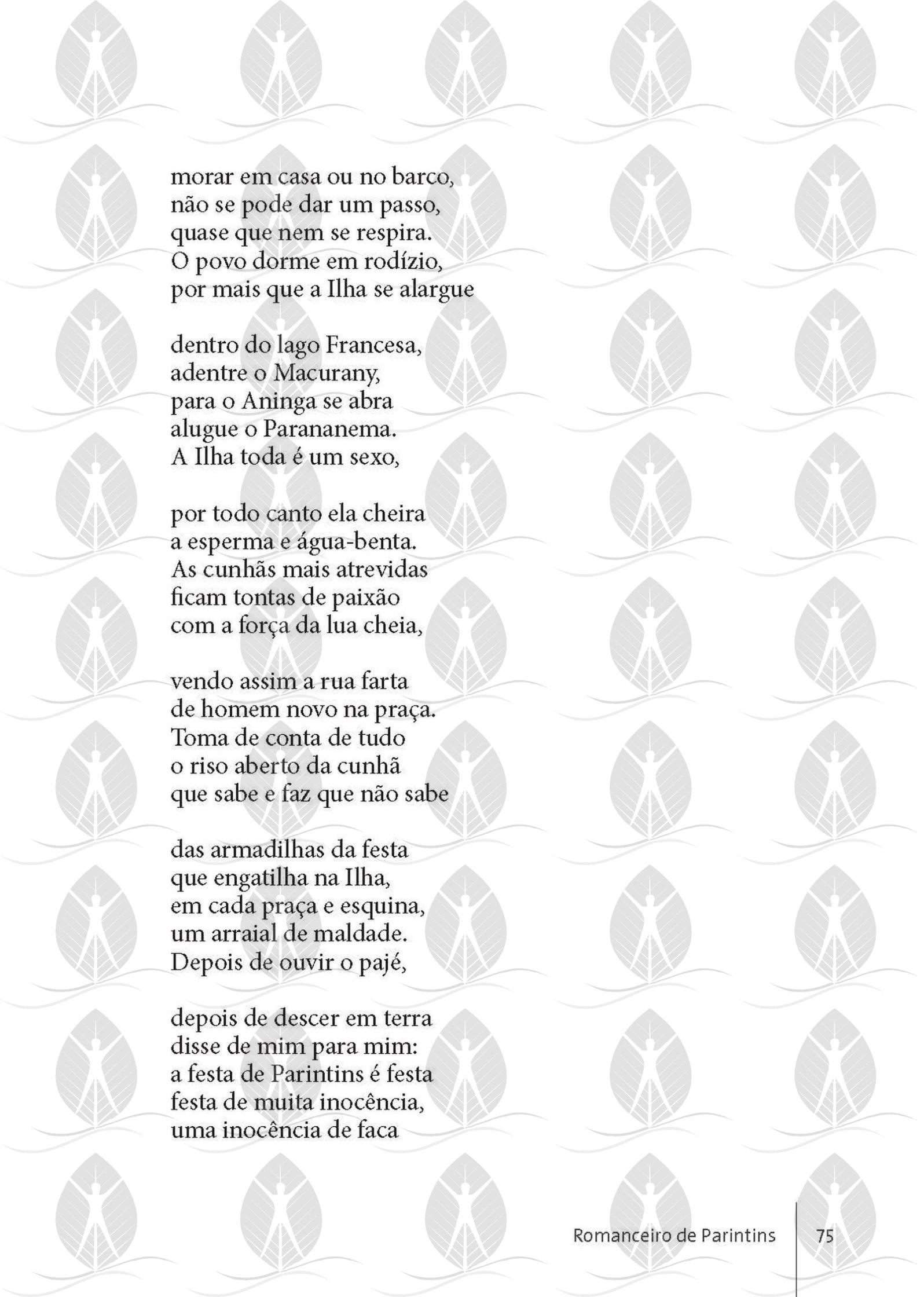
com gente que ainda vinha
de remo, banzeiro e rede,
entulho preso nas costas,
a Ilha quase adernava
não fora o peso que havia

na beira, do outro lado,
gente humilde e autoridade,
tudo ali se confrontando.
Massa de mulheres fartas
de carnes, exuberantes

e fartas, amplos quadris,
rasos covis e remansos
raros, desejo que aos olhos
saltam e nele se afogam
todas as fomes do mundo

(afogam, mas não saciam).
Até os homens costumam
ser bonitos nesses três
dias que logo se acabam,
como o salário do mês

que ali se gasta sem freio.
A Ilha toda dilata,
improvisa na hospedagem
das caravanas que chegam.
Aí, não faz diferença,



morar em casa ou no barco,
não se pode dar um passo,
quase que nem se respira.
O povo dorme em rodízio,
por mais que a Ilha se alargue

dentro do lago Francesa,
adentre o Macurany,
para o Aninga se abra
alugue o Parananema.
A Ilha toda é um sexo,

por todo canto ela cheira
a esperma e água-benta.
As cunhãs mais atrevidas
ficam tontas de paixão
com a força da lua cheia,

vendo assim a rua farta
de homem novo na praça.
Toma de conta de tudo
o riso aberto da cunhã
que sabe e faz que não sabe

das armadilhas da festa
que engatilha na Ilha,
em cada praça e esquina,
um arraial de maldade.
Depois de ouvir o pajé,

depois de descer em terra
disse de mim para mim:
a festa de Parintins é festa
festa de muita inocência,
uma inocência de faca



que só se basta e corta
com os dois lados do gume,
pois tudo aqui é um duplo
do boi, do homem, da raça,
quando se veste a máscara

do vermelho ou do azul.
E a festa? Ah, sim... a festa...
me diga se já não basta
tal boletim de ocorrência.
A festa é tudo que ocorre

dentro do script ou por fora,
não passa de um pretexto.
O boi é bicho estrangeiro
que o povo na Ilha amansa.
Não se conhece sua língua,

tem avô até no Egito,
– tem coisa mais estranha?
Nas caravelas de mastros
cruz-maltinos foi chegando
(nadando é que ele não veio),

preado em porões escuros,
cruzando os oceanos,
passando pelo Nordeste
brasileiro e os planaltos
do sul, do leste e oeste.

Sertões ele foi varando
e ao chegar nesta Ilha
foi logo se abancando
no balcão da freguesia,
brigando por terra o danado,



gente da terra expulsando.
A Ilha, de terra, é pouca,
começa e termina em água,
quem manda nela é o cartório
que passa de pai pra filho

o vício da propriedade.
Ali, boi tem escritório,
café quente a toda hora,
secretárias bem-dispostas,
boi teúdo e manteúdo,

esse que veio de fora
daquelas terras exóticas.
Esse, que de um saiu
em dois, perdeu o sotaque
que trouxe lá do Nordeste,

com garantido capricho,
fez bonito na virada.

O Nordeste é um sítio
que no Brasil ramifica,
se colhe o que ele planta

por tudo quanto é buraco.
Mistura alemão com china,
tudo no mesmo pacote,
exagerado no zelo.
Em tudo ele se espalha

de modo que nem cigano.
Dessa clonagem é que surge
raça de boi e de homem.
Há quem diga (não garanto)
que o homem pisou na Lua



com o selo americano.
Em lá chegando esse tal,
de cara, deu com a sandália
do primeiro nordestino
na face oculta do astro,

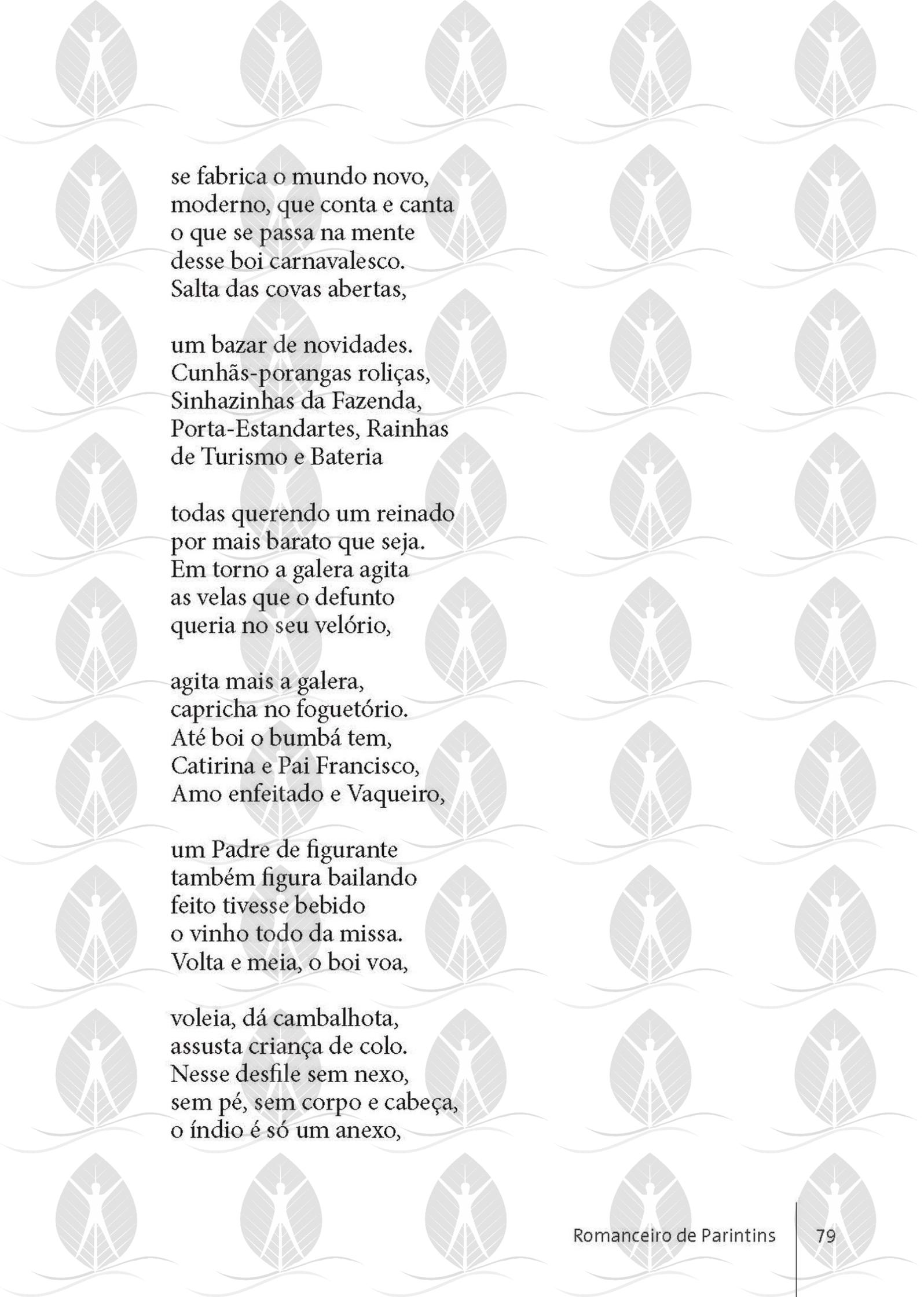
como se fosse destino
o homem sair de casa
pra ir morar no espaço
deserto que não tem água
nem terra que se aproveite

ou rede em que se deleite
o corpo velho e cansado
de se perder nas estradas
de perseguir as estrelas.
O boi que entra na arena

do fabuloso bumbódromo
é que apaga no presente
o mais distante passado.
Com as patas o boi arranha
a terra de um cemitério,

arranca fora os fantasmas
há muito tempo sepultos.
Com a língua ele apanha
os ossos adormecidos
e lambe o sal que restou

do mundo antepassado,
para manter o seu berro
no disco que faz sucesso
nas ondas das FMs.
Desse berro e desse osso



se fabrica o mundo novo,
moderno, que conta e canta
o que se passa na mente
desse boi carnavalesco.
Salta das covas abertas,

um bazar de novidades.
Cunhãs-porangas roliças,
Sinhazinhas da Fazenda,
Porta-Estandartes, Rainhas
de Turismo e Bateria

todas querendo um reinado
por mais barato que seja.
Em torno a galera agita
as velas que o defunto
queria no seu velório,

agita mais a galera,
capricha no foguetório.
Até boi o bumbá tem,
Catirina e Pai Francisco,
Amo enfeitado e Vaqueiro,

um Padre de figurante
também figura bailando
feito tivesse bebido
o vinho todo da missa.
Volta e meia, o boi voa,

voleia, dá cambalhota,
assusta criança de colo.
Nesse desfile sem nexo,
sem pé, sem corpo e cabeça,
o índio é só um anexo,



uma desculpa perversa
para ganhar audiência,
sair na fotografia
dos turistas idiotas.
E assim ficamos diante

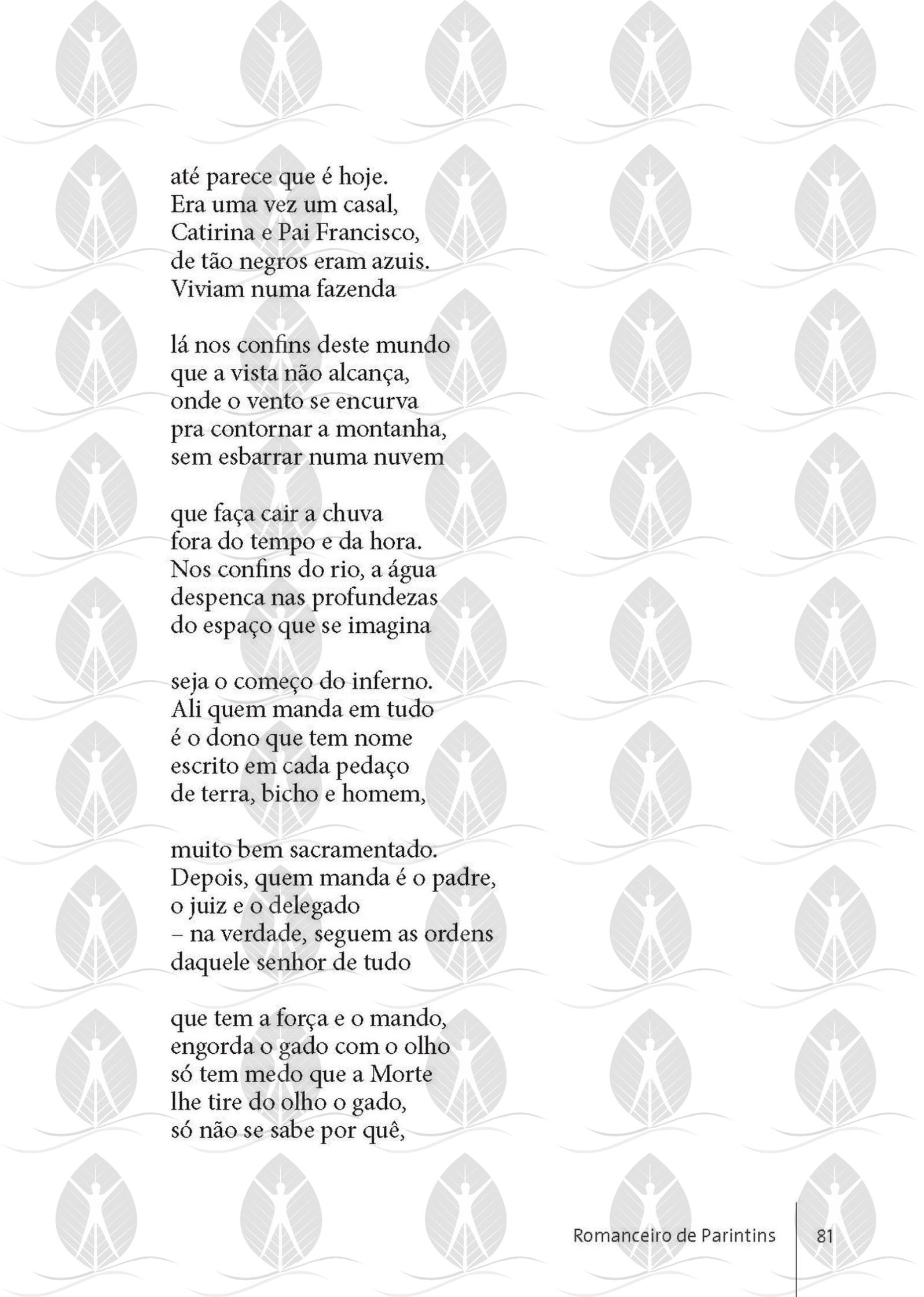
de um presente sem princípio
e de um passado sem elo:
é fácil arrancar do mapa
o que a raiz não segura.
Vendo de perto, esse boi,

com todo o seu manifesto,
é mais ainda estrangeiro.
Tem enredo esse teatro,
em cima do outro enredo
que lhe deu régua e compasso.

Deu-lhe o nome, deu-lhe o berço
e agora vira essa página
toda coberta de glórias,
como se fosse impossível
respeitar gesto e palavra,

todo o suspense criado,
a emoção e a gستا,
do auto do boi primeiro,
como em criança vivi,
com medo, susto, coragem,

nos currais da minha rua.
Era um lindo romance,
de amor e de desejo,
quase de cavalaria,
apraz-me essa lembrança,



até parece que é hoje.
Era uma vez um casal,
Catirina e Pai Francisco,
de tão negros eram azuis.
Viviam numa fazenda

lá nos confins deste mundo
que a vista não alcança,
onde o vento se encurva
pra contornar a montanha,
sem esbarrar numa nuvem

que faça cair a chuva
fora do tempo e da hora.
Nos confins do rio, a água
despenca nas profundezas
do espaço que se imagina

seja o começo do inferno.
Ali quem manda em tudo
é o dono que tem nome
escrito em cada pedaço
de terra, bicho e homem,

muito bem sacramentado.
Depois, quem manda é o padre,
o juiz e o delegado
– na verdade, seguem as ordens
daquele senhor de tudo

que tem a força e o mando,
engorda o gado com o olho
só tem medo que a Morte
lhe tire do olho o gado,
só não se sabe por quê,



pois não se leva pra cova
nem colchão e nem dinheiro,
senão o corpo cansado.

Acontece que um dia
Catirina estava grávida,

ponha lá uns sete meses,
benza-lhe Deus o tamanho
dessa barriga crescente
como a lua no horizonte.
Grávida não se contenta

com o que já tem na barriga,
bate o pé, exige sempre
um novo pitéu por dia.

Olha pro céu, pede nuvem,
olha pro rio, não quer nada,

por isso que homem sofre
dores de parto e resguardo.

Catirina era dessas,
em tudo via comida
e a tal barriga estufava,

como se fosse um balão
que lhe erguesse do solo
o avantajado desejo.

Um dia, olhando o pasto,
repara no boi formoso

que come o verde tranquilo,
curtindo na paz bovina,
filosofia de vaca,
digo, cagando e andando.

Daí, que ninguém segura



a gula de Catirina
que já cravou nesse boi
o olho grande da fome.
A nega joga pesado:
“Chico, eu quero a língua

daquele boi da campina,
senão eu perco esse filho
e outro tu não me faz,
eu tranco a perna e não deixo”.
Francisco treme nas bases,

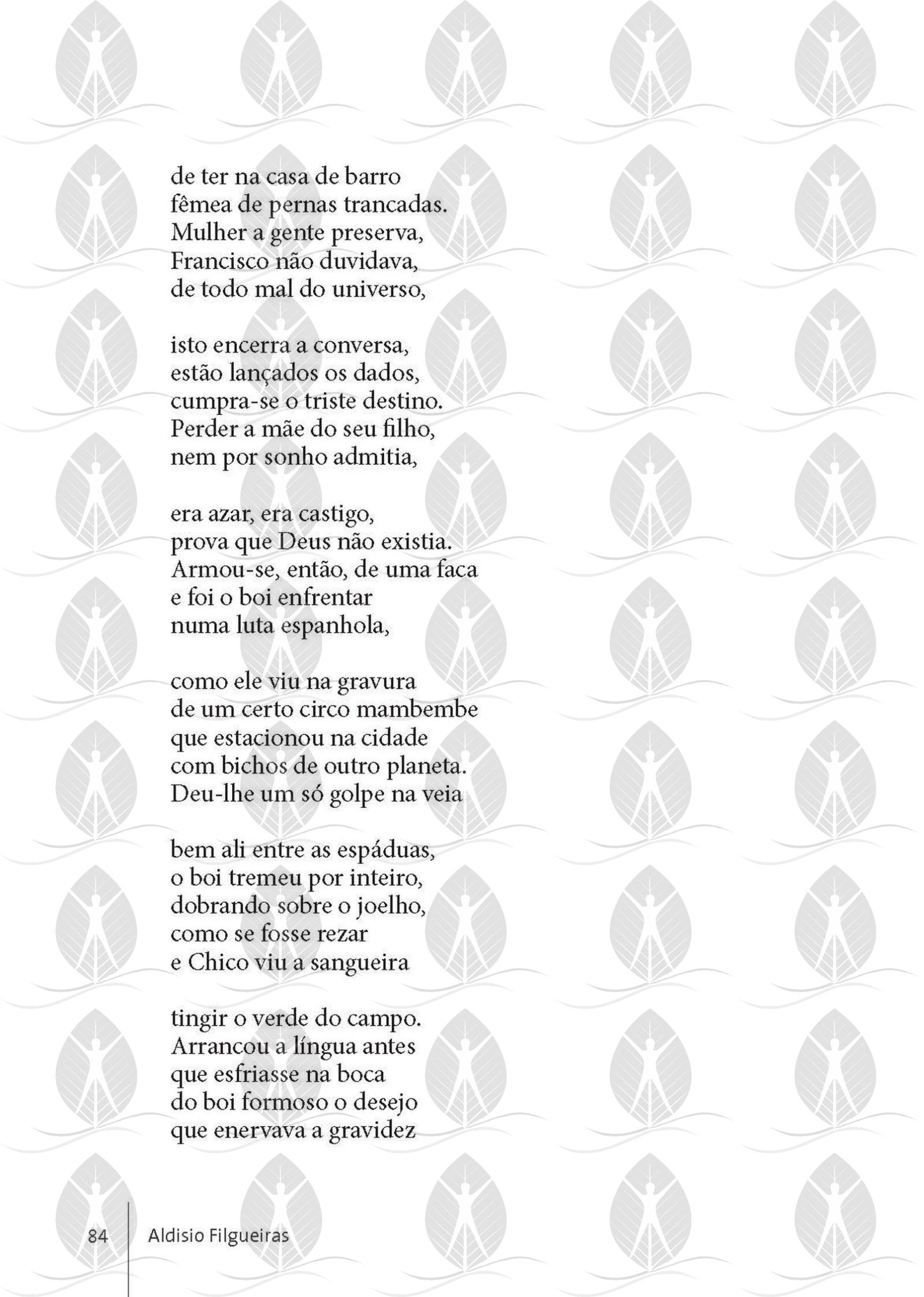
diante dessa ameaça.
Corre de um lado pro outro,
o beco não tem saída.

“Me acode, São Benedito,
me tire desse aperreio,

no mato estou sem cachorro”!
Além de negro, Francisco
era pobre, era feio,
dente na frente não tinha.
De um lado, era coxo,

parecia um espantalho
plantado no meio do campo,
debaixo de um chapéu,
braços abertos em cruz,
para espantar passarinho

que leva a semente no bico
e planta lá no vizinho.
Por isso que refletia,
muito mais avaliava
o preço do prejuízo



de ter na casa de barro
fêmea de pernas trancadas.
Mulher a gente preserva,
Francisco não duvidava,
de todo mal do universo,

isto encerra a conversa,
estão lançados os dados,
cumpra-se o triste destino.
Perder a mãe do seu filho,
nem por sonho admitia,

era azar, era castigo,
prova que Deus não existia.
Armou-se, então, de uma faca
e foi o boi enfrentar
numa luta espanhola,

como ele viu na gravura
de um certo circo mambembe
que estacionou na cidade
com bichos de outro planeta.
Deu-lhe um só golpe na veia

bem ali entre as espáduas,
o boi tremeu por inteiro,
dobrando sobre o joelho,
como se fosse rezar
e Chico viu a sangueira

tingir o verde do campo.
Arrancou a língua antes
que esfriasse na boca
do boi formoso o desejo
que enervava a gravidez



da Catirina inquieta.
Tudo o que mais acontece
sob a luz das lamparinas
e o fumo do querosene
decorre desse motivo

simples que o povo acalenta.
É assim que o milho vira
pipoca alegre na festa.
Um ponto só se acrescenta
sem mania de grandeza,

depois que se ouve o conto.
Vezes há que o galo canta
a gente não sabe onde,
a cautela recomenda
aprumar bem o ouvido,

pois também a gente ouve
sem que esse galo cante,
Carnaval não é pecado
até Igreja respeita.
Não mude pra esse lado

o rigor desse discurso.
Basta seguir o roteiro
que tudo termina em graça.
Pai Francisco é caçado
igual um bicho-do-mato

por matar boi do patrão.
Mas Chico que não é besta
fez todo mundo de sócio,
ao dividir cada quarto
do boi com esses de agora



que correm atrás do seu rastro,
com ares de inocentes.
O índio entra na história
mais uma vez como anexo.
Precisa ser batizado

se quiser entrar na guerra
santa que se move feito
campanha contra Francisco,
cujo único pecado
foi salvar de morte certa

todo bem que lhe restava.
Patrão, juiz, delegado,
atiçados pelo padre,
mandam pra linha de frente
o pelotão de coitados

que ainda tinha na boca,
nos dentes sujos trazia,
o gosto bom do pecado
que Francisco dividira
com eles, quanta fartura,

provando que a carne é fraca.
No fim, o final feliz,
na vitória do mais forte:
o boi morto ressuscita,
depois de esquartejado,

e o prisioneiro Francisco,
no castigo da derrota,
por todos é perdoado.
No jogo dos bastidores,
assim se cumpre a Justiça,



que deixa morrer de fome
o homem e a família,
mas preza com zelo e honra
a propriedade privada
que vale mais do que tudo

que possa existir no mundo.
Aqui termina a história
de Francisco e Catirina,
quem quiser que conte outra.
Rasga um sol de calcário

com dente fino de chuva
o vasto lençol de lixo
que resta agora na praça
depois que passa a folia.
Os santos e os videntes

estão de susto acuados
pensando em como fazer
pra recolher o rebanho
por todo canto espalhado,
bêbado, cercando frango,

por todo o acampamento.
Mulheres que foram roubadas
dos seus maridos e filhos
estão chorando sozinhas
traídas pelo sorriso

matreiro vindo de longe.
Mulheres de dentes lindos,
o corpo todo esculpido
que lembra a madeira rara
que a gente perde no fogo



que a mata queima, devora,
planta o deserto no chão,
sobre um tapete de cinzas.

Caboclas de boca larga
– que sugere a foz do rio

trincado em labirintos –
seduzem e se entregam
e se traem pela própria
sedução que elas criam.

É mais batom do que beijo,

enfim, é tudo mentira.

Elas aprendem na carne
que a beleza é um tempo
que muito breve se apaga
e nunca mais se retrata,

nem que as rugas se estiquem
ou que se banhem em cosmético.

Rasga-se o pano do boi,
a festa é só um pretexto
e se acerba uma disputa

de alto individualismo,
onde só vale o umbigo,
eleito centro do mundo,
coisa que nunca existiu
nem pode existir na tribo,

basta estudar a história
que não se ensina na escola.

O ritual do pajé
traz de volta os fantasmas
do antigo começo velho,



mas com o velho não se brinca.
Se aos velhos falta o respeito,
não há nação que se firme
junto às nações que peleja.
Entre os fantasmas se move

do índio a triste figura,
como um Quixote de cera,
de gesto e fala mecânicos,
combatendo os moinhos
de vento na tempestade

que se alastra pelo vale.
O ritual do pajé
nada mais que sacramenta
o nosso arrependimento,
nosso complexo de culpa

que almeja perdão e lucro
na estamparia bizarra
que ao boi-de-pano adorna,
com sacolas de dinheiro
e carros de alegorias

muito mais do que precisa.
O dinheiro é o mito
derradeiro que o homem,
insatisfeito com os deuses,
cria, metendo no mesmo

saco, farinha e pátria,
família e mercadoria.
O idealismo da festa
cede lugar ao cinismo,
mais do que isso, à entrega



do ouro para o bandido
que chega de internet
nem de avião ele voa
e nem de barco navega,
pois não recorre a exércitos

para cruzar as fronteiras
e dominar as cidades.
Um peixe de olho branco
dorme no prato afogado,
dele só resta a espinha

como em desenho animado.
Parece dizer o peixe,
Parintins, a gente erra,
e erra porque existe
a novidade da vida.

O peixe parece dizer,
afogado em caldo frio,
“adeus, Parintins, adeus,
eu troco de mal contigo.
O que não presta em Manaus

criou em ti um abrigo”.
Nisso não vai exagero,
pois em verdade vos digo:
morria o povo morria,
não fora a força do peixe,

feira de boi não existia.
O peixe mora na água,
não gosta de pegar chuva.
Foge o peixe pro raso
do mato alagado e some,



não tem anzol que o fisque
nem rede que o apanhe,
olho e arpão não descobrem
onde foi que se meteu.
Se esse peixe não volta

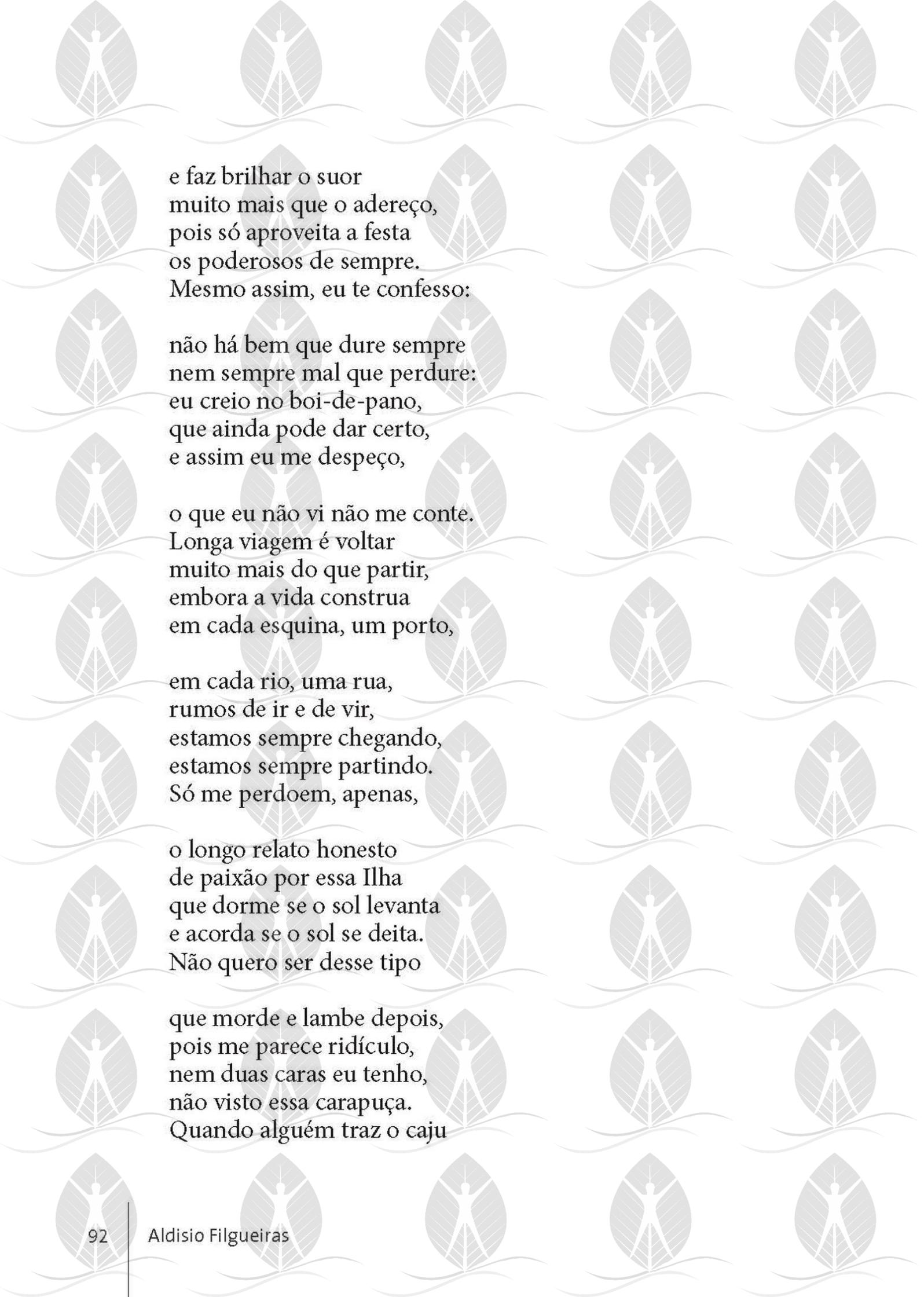
a navegar pelos rios,
que será do boi-de-pano
se a festa que movimenta,
o brinquedo e a travessura
acontecem justo em junho,

em que os rios são plenos
em seu volume de água
e ainda pode chover
nas cabeceiras longínquas?
Não é do boi que reclamo

nem do povo meu amigo
que em Manaus eu recebo
e me abraça na Ilha.
Em tudo existe um porém
que eu agora proclamo:

Parintins, é o dinheiro
o teu mais novo bezerro
de ouro, o teu estorvo.
Se falta respeito aos velhos
que fizeram o boi primeiro

e a tradição se abandona,
o que se escolhe é ser nada,
nada vezes nada, nada.
Espreguiça até dezembro
a tua febre de junho



e faz brilhar o suor
muito mais que o adereço,
pois só aproveita a festa
os poderosos de sempre.
Mesmo assim, eu te confesso:

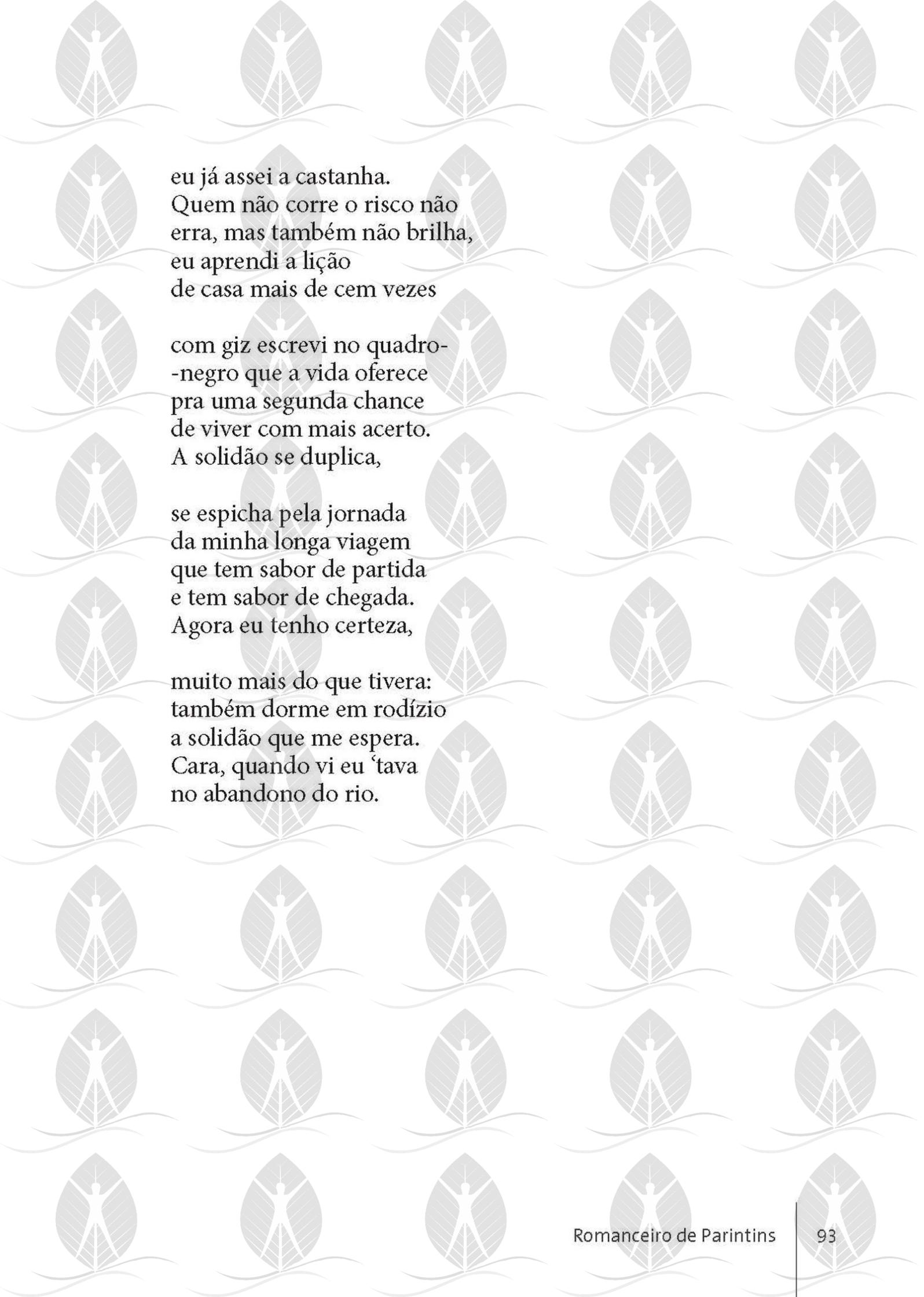
não há bem que dure sempre
nem sempre mal que perdure:
eu creio no boi-de-pano,
que ainda pode dar certo,
e assim eu me despeço,

o que eu não vi não me conte.
Longa viagem é voltar
muito mais do que partir,
embora a vida construa
em cada esquina, um porto,

em cada rio, uma rua,
rumos de ir e de vir,
estamos sempre chegando,
estamos sempre partindo.
Só me perdoem, apenas,

o longo relato honesto
de paixão por essa Ilha
que dorme se o sol levanta
e acorda se o sol se deita.
Não quero ser desse tipo

que morde e lambe depois,
pois me parece ridículo,
nem duas caras eu tenho,
não visto essa carapuça.
Quando alguém traz o caju



eu já assei a castanha.
Quem não corre o risco não
erra, mas também não brilha,
eu aprendi a lição
de casa mais de cem vezes

com giz escrevi no quadro-
-negro que a vida oferece
pra uma segunda chance
de viver com mais acerto.
A solidão se duplica,

se espicha pela jornada
da minha longa viagem
que tem sabor de partida
e tem sabor de chegada.
Agora eu tenho certeza,

muito mais do que tivera:
também dorme em rodízio
a solidão que me espera.
Cara, quando vi eu 'tava
no abandono do rio.



**GRÁFICA
MODERNA**
QUALIDADE • TECNOLOGIA • COMPROMISSO

Este livro foi impresso em Manaus pela **Gráfica Moderna** – o miolo e capa – foram feitos pela Cultura Edições Governo do Estado



Com este estudo-poema, *Romanceiro de Parintins*, Aldisio canta e decanta o tema central da vida daquela gente, que, sinceramente acredita mesmo em Nossa Senhora do Carmo, faz frente ao boi Caprichoso e ao boi Garantido, encomenda santos e mantos no tempo do Festival, e não perde a pose nas histórias que conta em farra de carnaval e pescarias.

ISBN 856421819-4



SECRETARIA DE
ESTADO DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA